

“O LÁBARO”

PENSAMENTO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

WWW.JORNALOLABARO.COM.BR

**DIGITALIZE & EMPREENDA
EM PARACATU É ABERTO COM
FOCO NO FORTALECIMENTO DO
EMPREENDEDORISMO REGIONAL.**

Página 7

**PARACATU CELEBRA SUA
MEMÓRIA VIVA NA
10ª JORNADA MINEIRA
DO PATRIMÔNIO CULTURAL.**

Página 8

**EXPOPARACATU 2025:
O RETORNO DE UMA
TRADIÇÃO QUE FAZ PARACATU
PULSAR NOVAMENTE.**

Página 10

A Ode de Mário de Andrade

Quando, na Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade (1893–1945) declamou o poema “Ode ao Burguês”, o escândalo foi imediato. Industriais e cafeicultores da época se sentiram diretamente ofendidos pelas palavras do poeta, que foi vaiado por parte da plateia, muitos dos quais haviam, ironicamente, financiado o evento.

Publicado no mesmo ano em que provocou tamanha reação, o poema integra o livro *Pauliceia Desvairada* (1922), obra que marca o início do modernismo literário no Brasil. Nela, Mário traça um retrato crítico e fragmentado da São Paulo urbana, deixando transparecer a influência das vanguardas europeia, como o Dadaísmo, o Surrealismo, o Expressionismo, o Futurismo e o Cubismo.

Talvez por seu tom provocador e corajoso, a “Ode ao Burguês” ainda ressoa com força quase um século depois, ecoando o espírito inconformado e inovador de sua época.



Ode ao Burguês

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os “Printemps” com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!

Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequina!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!

Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suíssa! Morte viva ao Adriano!
“– Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
– Um colar... – Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!

“Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!

Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burgês!..

*De Paulicéia desvairada (1922)
Mário de Andrade*

A força que habita nas diferenças

Paracatu e o Brasil: onde a diversidade é força e inspiração

A diversidade cultural é a mais bela tradução da humanidade, e, no Brasil, ela ganha cores e sons únicos. É o pulsar de um povo em suas danças, nas histórias que atravessam gerações, nos cheiros e sabores que guardam memórias, nas palavras que ecoam de tantas línguas, sotaques e tradições. Reconhecer e valorizar essa pluralidade é compreender que cada cultura é um espelho de vida, e que, juntas, elas compõem o retrato mais fiel do que somos como nação.

Em tempos em que a homogeneização ameaça apagar fronteiras simbólicas, investir na diversidade cultural é um gesto de resistência e de esperança. É permitir que o país se reconheça em suas múltiplas vozes, que o tambor africano dialogue com o violão caipira, que o bordado do cerrado converse com a arte urbana dos muros, que o saber popular caminhe de mãos dadas com a ciência e a inovação.

Lei Rouanet: a ponte que liga o Brasil às suas expressões locais

Nesse cenário, políticas públicas como a Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991) se consolidam como instrumentos essenciais de fortalecimento da cultura brasileira. A legislação permite que empresas e pessoas físicas destinem parte do imposto de renda para financiar projetos culturais, democratizando o acesso à arte e valorizando a produção de artistas e comunidades em todas as regiões do país.

Ao fomentar iniciativas de diferentes segmentos, artes visuais, música, dança, teatro, literatura e patrimônio cultural, a Lei Rouanet assegura a preservação e a difusão da identidade brasileira, gerando inclusão social, diversidade e desenvolvimento econômico.

Em nossa querida Paracatu, essa política cultural tem sido um exemplo vivo de transformação. A cidade, guardiã de tradições seculares e palco de manifestações populares, vêm se tornando um ponto de encontro entre passado e futuro. Diversos eventos realizados em Paracatu, como o Festival do Patrimônio Cultural, o Fliparacatu, além de exposições, espetáculos musicais, mostras teatrais e ações formativas, foram viabilizados pela Lei Rouanet, permitindo que artistas locais, regionais, nacionais e até internacionais mostrem seu talento, e que a população tenha acesso a uma programação diversa e gratuita.

A força da Lei Rouanet está justamente em abrir caminhos para vozes que antes não eram ouvidas. Ela fomenta projetos de grande e pequeno porte, incentiva a inclusão de culturas tradicionais e periféricas, apoia comunidades indígenas e quilombolas e valoriza as expressões que florescem nas cidades do interior, como a nossa Paracatu, onde a arte é também ferramenta de identidade, orgulho e pertencimento.



Cultura como trabalho, identidade e futuro

O papel do poder público é essencial nesse movimento. Ao promover políticas que valorizem costumes, tradições e expressões artísticas, o Estado não apenas preserva a identidade nacional, mas fortalece os laços sociais e impulsiona a economia criativa. A cultura é também trabalho, renda e cidadania. E mais do que isso: é o alimento simbólico que sustenta a alma de um povo.

Defender a diversidade é afirmar o direito de existir em todas as formas, de falar, de vestir, de cantar, de acreditar. É um convite à escuta e ao respeito. Porque a verdadeira riqueza de uma nação não se mede pelo ouro de seus cofres, mas pela pluralidade de suas vozes.

Que o Brasil, e, especialmente, cidades como a nossa Paracatu, continue a florescer sob o impulso da cultura. Que cada expressão, por mais singela, encontre espaço para nascer e se reinventar. Pois é na soma das diferenças, nas vozes que se cruzam e nas mãos que criam, que o país se reconhece inteiro, e mais belo.

Referências

Ministério da Cultura (MinC) – Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Disponível em: <https://www.gov.br/cultura>

Secretaria de Economia Criativa e Diversidade Cultural – MinC. Relatórios sobre políticas de fomento cultural, 2024.

UNESCO – Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, 2005.

Prefeitura Municipal de Paracatu / Fundação Casa de Cultura – Programações culturais financiadas pela Lei Rouanet, 2023–2025.

IBGE – Síntese de Indicadores Sociais: Cultura e Diversidade no Brasil, 2023.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991 – Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac). Diário Oficial da União.

A Editora

O brilho da palavra: Marilene Andrade Ferreira toma posse na Academia de Letras do Noroeste de Minas

Cerimônia celebra a trajetória da educadora e pesquisadora, marcada pela dedicação à cultura, à formação humana e ao poder transformador da educação



Na noite de 11 de outubro, a Academia de Letras do Noroeste de Minas abriu suas portas para a solenidade de posse e diplomação da acadêmica Marilene Andrade Ferreira, em cerimônia marcada por emoção e reconhecimento. Durante o evento, foi apresentada uma homenagem à nova imortal, destacando sua trajetória de vida, sua contribuição à educação e sua dedicação à cultura e à palavra.

A apresentação, escrita de forma coletiva por familiares, amigos e colegas, foi conduzida pela acadêmica Dra. Eleusa Spagnuolo Souza, que ressaltou a força, a sensibilidade e o compromisso de Marilene com a formação humana e o pensamento crítico. Nascida em Vazante, graduada em Pedagogia e Educação Física, com mestrado pela Universidade de Brasília e doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Marilene construiu uma sólida carreira como educadora, pesquisadora e gestora pública.

Quem a conheceu menina recorda sua determinação precoce, o encanto pelos livros e o olhar curioso diante do mundo. Filha prestativa, irmã dedicada e estudante incansável, desde cedo revelava que seu des-

tino estaria entrelaçado ao conhecimento e à transformação pela educação.

Atuou em universidades federais e na Superintendência Regional de Ensino de Paracatu, onde implementou políticas e programas que transformaram a realidade escolar do Noroeste de Minas. Ao ser empossada, Marilene dedicou seu momento à valorização da educação como instrumento de transformação social e agradeceu à Academia pela acolhida. Em suas palavras, a posse representa “um reencontro com as origens e um compromisso renovado com o conhecimento e a cultura”.

A mesa de honra foi composta pela presidente da Academia de Letras do Norte de Minas, Dra. Daniela de Faria Prado; pela acadêmica Eleusa Spagnuolo Souza; pelo vice-prefeito de Vazante, Jeancarlo Rabelo Guimarães Rodovalho; pelo secretário municipal de Cultura de Vazante, Edyvan Fernando Borges Costa; e pela acadêmica empossada, Marilene Andrade Ferreira, que passa a ocupar a Cadeira nº 40, cujo patrono é o escritor Dr. Sérgio Gonçalves de Ulhôa, anteriormente ocupada por Dr. Sérgio Ulhôa Dani e Adelina Botelho.

Entre aplausos e emoção, ficou a sensação de que cada novo membro traz à Casa não apenas letras, mas histórias que continuam escrevendo o destino da região.



QUALIDADE, CONFIANÇA E BOM ATENDIMENTO



ELETRO NEIVA

O que há de melhor em materiais elétricos e iluminação!

Não feche nenhum orçamento antes de passar aqui!

#cobrimos ofertas

3671.1435 - 9 9845.6096

Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu

EXPEDIENTE

Editora: Uldicéia Rigueti
Contato: Fone: (38) 99915-4652
 E-mail: uldiceiaoliveira@hotmail.com
Jornalista Responsável:
 Uldicéia Oliveira Rigueti
 Registro Profissional: 0021336/MG

Conselho Editorial:
 Uldiele Oliveira Rigueti
 Clara Oliveira Rigueti
Impressão:
 Gráfica & Editora Vale Flamboyant Ltda
 Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 485

Parque Residencial Lagoinha
 CEP- 14095120 - Ribeirão Preto/ SP
 CNPJ 21.238.607/0001-84
Diagramação:
 Alexandre Sasdelli
xandesdelli@gmail.com

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Ligue e Denuncie
 A pintura é de autoria de Santana Rubinger (Zé Batata)

As letras que florescem em Paracatu

Cinco vozes, múltiplas essências: Daniela Prado, Pillar Meireles, Raik, Silvano Avelar e Tarzan Leão levam a literatura local ao centro da cena no Sempre Um Papo



Numa noite de setembro, o Museu Histórico Municipal de Paracatu abriu suas portas para mais que um encontro literário: foi um abraço da cidade aos seus escritores. Sob o tema “As letras de Paracatu”, o projeto Sempre Um Papo, realizado com o patrocínio da Kinross, via Lei Rouanet, e em parceria com a Academia de Letras do Noroeste de Minas, reuniu cinco autores que traduzem em palavras o pulsar da vida, da memória e da imaginação.

No palco da conversa estavam Daniela Prado, que transforma o ensino e a pesquisa em pontes afetivas para a palavra; Pillar Meireles, cronista que colhe sentimentos e os veste de delicadeza; Raik, roteirista e editor

que fez da literatura um ofício coletivo; Silvano Avelar, professor e seresteiro, cuja obra ecoa a memória cultural da cidade; e Tarzan Leão, pastor e poeta, que entrelaça fé e sensibilidade em textos que desarmam dogmas.

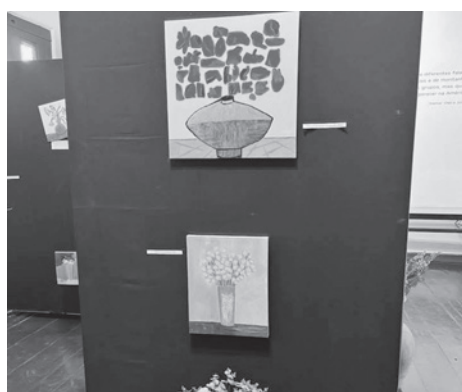
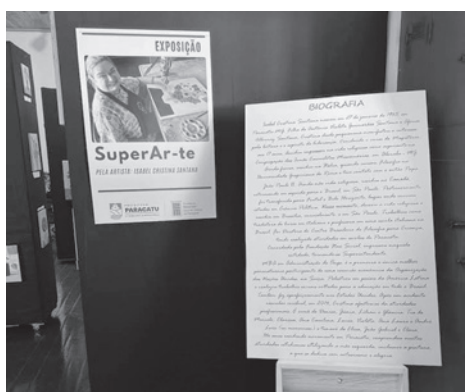
Cada um, com sua trajetória única, compôs uma partitura de vozes que celebram a força criativa de Paracatu. Foi uma noite em que a literatura se mostrou não apenas como arte, mas como gesto de pertença, resistência e esperança.

O Sempre Um Papo Paracatu reforça, assim, o que a cidade já sabe: as palavras, quando brotam do chão da terra natal, ganham ainda mais força, porque carregam a identidade, a memória e o futuro de um povo.



Superar-te: a arte como caminho de cura e renascimento

Exposição de Isabel Cristina Santana celebra a superação e o florescer da alma



Na delicadeza das flores pintadas por Isabel Cristina Santana, há mais do que cor e forma, há vida que insiste, há alma que resiste. A exposição “Superar-te”, em cartaz na Fundação M. Casa de Cultura, é o retrato de uma jornada íntima de reconstrução.

Depois de tantas barreiras, Isabel encontrou na arte o seu refúgio e a sua voz. Cada pincelada revela o gesto de quem transformou a dor em cor, o silêncio em poesia. As flores

que tomam as telas são metáforas do florescer após o inverno, simbolizando não apenas a chegada da primavera, mas o desabrochar de uma mulher que se refez através da criação.

Em setembro, mês em que a natureza se renova, Isabel nos convida a contemplar o poder da arte de curar, unir e recomeçar. “Superar-te” é mais que uma exposição, é um convite à esperança, um testemunho de que, mesmo depois das tempestades, sempre haverá flores



Pelos caminhos da Estrada Real de Paracatu

Por: Carlos Lima (*Arquivista)



Sede de fazenda localizada no Arraial da Lagoa de Santo Antônio: Estrada Real ligava o povoado ao distrito sede (Paracatu)

Presente em dezenas de registros históricos, a ‘Estrada Real’ é um caminho desconhecido pela grande maioria das pessoas, porém promissor para a economia destes confins das Minas Gerais. Identificá-la, promover a sua demarcação e, por fim, revitalizá-la, tomando-a um roteiro turístico pela região, representaria um grande avanço para a preservação de rudimentares e bucólicos trajetos, por onde se escoavam ouro e mercadorias diversas.



A Estrada Real também cortou a Fazenda Pituba, nas proximidades do Arraial da Lagoa de Santo Antônio

Provas para resguardar e promover o antigo e tão percorrido caminho, notadamente, para o vizinho Estado de Goiás, é o que não faltam, haja vista o rico acervo cartográfico e textual que compreende o assunto, tudo muito bem conservado no Arquivo Municipal de Paracatu. O vai e vem pela Estrada Real ou Estrada de Goiás está escriturado em tudo quanto é fonte: Planta de divisão de fazenda, memorial descritivo, requerimentos, alvará de aforamento de terrenos, edital de jornal, e por aí seguem as referências desse curioso passado.



Passaporte da Estrada Real: Documento registra a passagem de aventureiros e turistas pelas cidades integrantes do roteiro

Paracatu no Instituto Estrada Real

Vislumbrar uma possível inclusão da Estrada Real de Paracatu no complexo de rotas mapeadas, exploradas e disponibilizadas aos interessados, pelo Instituto Estrada Real, seria um passo muito relevante, especialmente, para fomentar o turismo e gerar emprego e renda, desde que a municipalidade viesse a apresentar, pelo menos, um trecho preservado, acessível e demarcado daquela outrora via corriqueiramente empregada pelos tropeiros que aqui chegavam ou transitavam com seus animais e cargueiros repletos de mercadorias.

Registros da Estrada Real de Paracatu

Vasto número de manuscritos e mapas comprova a existência da secular Estrada Real em Paracatu, principalmente, na zona rural. As citações a ela relacionadas podem ser conferidas nas divisões das fazendas Pouso Alegre, Santo Antônio e Sapateiro (Morro do Ouro), Bom Sucesso, Pituba e Borges, além de outras fontes, tais como, um abaixo-assinado de 1877, em que vários usuários daquela via, na condição de prejudicados,

questionavam à Câmara Municipal “sobre a faculdade que a mesma [Câmara] concedeu a Valério de Sousa Dias em mudar a estrada real, como sempre foi desde remota era, no lugar denominado – Chapadinha, sujeitando-a, porém, o mesmo Valério a abrir outra, cujo o trânsito fosse tão favorável.”

Para tentar resolver a questão, a Câmara Municipal realizaria, em 1892, a nomeação de uma comissão para tratar da permanência da referida via de acesso coletivo, comprometida pela iniciativa do cidadão Valério de Sousa Dias, com a anuência daquele mesmo ente público, que “quase que impede completamente a passagem pelo trecho da estrada real que transpõe o Córrego denominado Vigário Geral e outros lamaçais e atoleiros comuns entre Córrego [Vigário Geral] e o da Lagoa de Santo Antônio.”

A Fazenda Pituba, nas imediações do Arraial da Lagoa de Santo Antônio, também era abrangida pela saudosa Estrada Real, como citam, em 1957, os autos da divisão da referida fazenda, onde há, inclusive, remanescentes quilombolas. Outra referência aponta para a exploração da referida e histórica estrada, no Distrito de Lages, hoje pertencente ao município de Bonfinópolis de Minas. É numa correspondência datada de 7 de agosto de 1917 e enviada à Comissão de Obras Públicas e Indústria da Câmara Municipal de Paracatu, que o fiscal distrital Elias Bijos requisita e justifica que há “grande necessidade de se fazer uma ponte na Estrada Real neste distrito de Lajes no Ribeirão São Pedro lugar denominado Ponte do Pinto”, o que comprova a enorme extensão da referida estrada no contexto regional do Noroeste de Minas Gerais.

Com tantas evidências emanadas desse amplo e laborioso acervo documental, do qual a Prefeitura Municipal de Paracatu é guardiã, através do seu Arquivo Público Municipal, o qual detém a custódia de tais registros históricos, urge-se, a quem de direito for, a demarcação dos trechos abrangidos pela Estrada Real, a construção de monumentos e sua exploração enquanto trilha ou rota de visitação turística, desde que averiguados todos os requisitos necessários ao seu empreendimento.

(*) Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é Pós-Graduado em Oracle, Java e Gerência de Projeto e é pesquisador da história e da cultura de Paracatu e publica seus artigos no site paracatumemoria.wordpress.com e no Jornal O Lábaro.

REFERÊNCIAS

CÂMARA MUNICIPAL DE PARACATU. Abaixo-assinado para reabertura da Estrada Real de Paracatu. Cx. 20. 1877. 1 fl. Cx. 20
CÂMARA MUNICIPAL DE PARACATU. Correspondência de Elias Bijos à Comissão de Obras Públicas e Indústria. 1917. 1 fl. Cx. 26.
CÂMARA MUNICIPAL DE PARACATU. Nomeação de comissão que trataria da preservação de via de acesso coletivo. 1892. 2 fls. Cx. 16.
COMARCA DE PARACATU. Processo nº 37 de divisão da Fazenda Pituba. 1947. 233 fls. Cx. D-36
Agradecimento, em especial, a Deus por permitir ao seu humilde servo, que desentranhasse tão completo tema sobre o caminho antigo do município de Paracatu.



Divisão da Faz. Pouso Alegre menciona o entroncamento da Estrada Real com a Estrada de Autos de Paracatu para Unai

Sobre política e jardinagem

“Nosso futuro depende dessa luta entre políticos por vocação e políticos por profissão”



Ruben Alves

De todas as vocações, a política é a mais nobre. Vocação, do latim vocare, quer dizer chamado. Vocação é um chamado interior de amor: chamado de amor por um “fazer”. No lugar desse “fazer” o vocacionado quer fazer amor com o mundo. Psicologia de amante: faria, mesmo que não ganhasse nada.

Política vem de polis, cidade. A cidade era, para os gregos, um espaço seguro, ordenado e manso, onde os homens podiam se dedicar à busca da felicidade. O político seria aquele que cuidaria desse espaço. A vocação política, assim, estaria a serviço da felicidade dos moradores da cidade.

Talvez por terem sido nômades no deserto, os hebreus não sonhavam com cidades: sonhavam com jardins. Quem mora no deserto sonha com oásis. Deus não criou uma cidade. Ele criou um jardim. Se perguntássemos a um profeta hebreu: O que é política?, ele nos responderia: A arte da jardinagem aplicada às coisas públicas.

O político por vocação é um apaixonado pelo grande jardim para todos. Seu amor é tão grande que ele abre mão do pequeno jardim que ele poderia plantar para si mesmo. De que vale um pequeno jardim se à sua volta está o deserto? É preciso que o deserto inteiro se transforme em jardim.

Amo a minha vocação, que é escrever. Literatura é uma vocação bela e fraca. O escritor tem amor, mas não tem poder. Mas o político tem. Um político por vocação é um poeta forte: ele tem o poder de transformar poemas sobre jardins em jardins de verdade. A vocação política é transformar sonhos em realidade. É uma vocação tão feliz que Platão sugeriu que os políticos não precisam possuir nada: bastar-lhes-ia o grande jardim para todos. Seria indigno que o jardineiro tivesse um espaço privilegiado, melhor e diferente do espaço ocupado por todos. Conheci e conheço muitos políticos por vocação. Sua vida foi e continua a ser um motivo de esperança.

Vocação é diferente de profissão. Na vocação a pessoa encontra a felicidade na própria ação. Na profissão o prazer se encontra não na ação. O prazer está no ganho que dela se deriva. O homem movido pela vocação é um amante. Faz amor com a amada pela alegria de fazer amor. O profissional não ama a mulher. Ele ama o dinheiro que recebe dela. É um gigolô.

Todas as vocações podem ser transformadas em profissões. O jardineiro por vocação ama o jardim de todos. O jardineiro por profissão usa o jardim de todos para construir seu jardim privado, ainda que, para que isso aconteça, ao seu redor aumente o deserto e o sofrimento.

Assim é a política. São muitos os po-

líticos profissionais. Posso, então, enunciar minha segunda tese: de todas as profissões, a profissão política é a mais vil. O que explica o desencanto total do povo, em relação à política. Guimarães Rosa, perguntado por Günter Lorenz se ele se considerava político, respondeu: “Eu jamais poderia ser político com toda essa charlatanice da realidade... Ao contrário dos “legítimos” políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. O político pensa apenas em minutos. Sou escritor e penso em eternidades. Eu penso na ressurreição do homem”. Quem pensa em minutos não tem paciência para plantar árvores. Uma árvore leva muitos anos para crescer. É mais lucrativo cortá-las.

Nosso futuro depende dessa luta entre políticos por vocação e políticos por profissão. O triste é que muitos que sentem o chamado da política não têm coragem de atendê-lo, por medo da vergonha de serem confundidos com gigolôs e de terem de conviver com gigolôs.

Escrevo para vocês, jovens, para seduzi-los à vocação política. Talvez haja jardineiros adormecidos dentro de vocês. A escuta da vocação é difícil, porque ela é perturbada pela gritaria das escolhas esperadas, normais: medicina, engenharia, computação, direito, ciência. Todas elas, legítimas, se forem vocação. Mas todas elas afunilantes: vão colocá-los num pequeno canto do jardim, muito distante do lugar onde o destino do jardim é decidido. Não seria muito mais fascinante participar dos destinos do jardim?

Os descobridores, quando aqui chegaram, não encontraram um jardim. Encontraram uma selva. Selva não é jardim. Selvas são cruéis e insensíveis, indiferentes ao sofrimento e à morte. Uma selva é uma parte da natureza ainda não tocada pela mão do homem. Aquela selva poderia ter sido transformada num jardim. Não foi. Os que sobre ela agiram não eram jardineiros. Eram lenhadores e madeireiros. E foi assim que a selva, que poderia ter se tornado jardim para a felicidade de todos, foi sendo transformada em desertos salpicados de luxuriantes jardins privados onde uns poucos encontram vida e prazer.

Há descobrimentos de origens. Mais belos são os descobrimentos de destinos. Talvez, então, se os políticos por vocação se apossarem do jardim, poderemos começar a traçar um novo destino. Então, ao invés de desertos e jardins privados, teremos um grande jardim para todos, obra de homens que tiveram o amor e a paciência de plantar árvores à cuja sombra nunca se assentariam.

Ruben Alves

Fonte: Folha de S. Paulo, Tendências e Debates, 19 maio 2000

A Educação na Era Digital

Robson Stigar
robsonstigar@gmail.com

Na atualidade estamos em transição da era industrial para a era digital, fenômeno que tem transformado o modo de produção, não apenas de bens de consumo, mas também de informações e conhecimentos. Este processo de incorporação de tecnologias digitais na sociedade foi nomeado de Revolução 4.0. A inserção de recursos tecnológicos no ambiente escolar vincula-se ao contexto dos jovens nascidos na atual era digital, pois oportuniza e amplia seus conhecimentos, estimulando também novas experiências e a construção de novas competências, ampliando o processo de ensino-aprendizagem individual e coletivo, atendendo os desafios e as propostas da sociedade.

Com o advento da Educação 4.0 e a contemplação dos desafios educacionais contemporâneos, promover um espaço de desenvolvimento de habilidades do pensamento computacional implica na promoção do reconhecimento e desenvolvimento das capacidades de nossos estudantes e estímulo a uma maior percepção do mundo e sua ordem, bem como na projeção de seres mais conscientes, autônomos, resilientes, criativos e colaborativos.

A tecnologia é um instrumento que fortalece o currículo escolar ao promover o desenvolvimento cultural, social, pessoal e intelectual dos educandos, aprimorando sua capacidade de concentração, autoestima, consciência crítica, relacionamento e comunicação interpessoal, motivação pela pesquisa científica e raciocínio lógico.

A inserção de recursos tecnológicos no ambiente escolar vincula-se ao contexto dos jovens nascidos na atual era digital, pois oportuniza e amplia seus conhecimentos, estimulando o desenvolvimento de experiências e a construção de novas competências, ampliando o processo de ensino-aprendiza-



gem individual e coletivo, com sua inserção em um currículo tecnológico para atendimento aos desafios e propostas da sociedade.

A tecnologia é um instrumento que fortalece o currículo escolar ao promover o desenvolvimento cultural, social, pessoal e intelectual dos educandos, aprimorando sua capacidade de concentração, consciência crítica, relacionamento e comunicação interpessoal, motivação pela pesquisa científica e raciocínio lógico. O uso da tecnologia tornou-se um forte aliado para a educação, pois dinamiza o processo de aprendizagem, facilita o acesso a informações, conteúdos e realização de tarefas. Vale ressaltar que um dos pontos positivos do seu uso é o fato de que os estudantes ganham autonomia, pois passam a interagir mais e ir em busca das respostas, o que contribui significativamente para a criticidade e formação social.

A educação pautada na reprodução de informações, sem considerar o estudante como ação principal da aprendizagem precisa ser superada. As tecnologias digitais no currículo escolar e nos processos de ensino, pautadas em propostas metodológicas que atendam às necessidades de aprendizagem dos alunos, servem de mediadoras no processo de aprendizagem, melhorando a qualidade da educação e o desempenho dos estudantes. Portanto, o uso das tecnologias digitais nas instituições de ensino constitui uma inovação para a educação.

Paracatu é destaque nacional com o “Projeto Estudantes em Movimento”

Iniciativa valoriza o protagonismo juvenil e a cidadania nas escolas públicas

Paracatu conquistou reconhecimento nacional ao ser finalista do Projeto Estudantes em Movimento, que estimula jovens a exercerem a cidadania por meio de auditorias cívicas nas escolas. Entre as oito instituições municipais de todo o país selecionadas, esteve a Escola Municipal Altina de Paula Souza, prova do compromisso dos alunos com a gestão escolar e com o bem comum.

Ao todo, 320 estudantes do 5º ao 9º ano, de oito escolas municipais, participaram da iniciativa, apoiados por professores, famílias e gestores. O projeto envolveu diagnósticos de problemas reais nas escolas e a proposição de soluções, como campanhas educativas, reformas e criação de novos canais de diálogo.

Um exemplo emblemático veio da Escola Altina de Paula Souza, onde os alunos identificaram que parte dos danos aos banheiros era causada pelo mau uso. A solução proposta foi uma campanha de conscientização, mostrando maturidade e responsabilidade com os espaços coletivos.

O prefeito Igor Santos e o vice Pedro Adjuto garantiram apoio à Controladoria Geral do Município e à Secretaria de Educação, possibilitando que o projeto fosse desenvolvido com liberdade e inovação. “Ver nossos estudantes alcançan-



do reconhecimento nacional é motivo de orgulho para toda a cidade. Apostar neles é apostar no futuro de Paracatu e do Brasil”, afirmou o prefeito.

Para os jovens, a conquista da pontuação máxima representou mais que um prêmio: foi a confirmação de que sua voz tem valor na construção de escolas melhores e de uma sociedade mais justa.

O sucesso do “Estudantes em Movimento” reforça o compromisso de Paracatu com uma educação cidadã, crítica e transformadora, formando uma geração preparada para liderar com responsabilidade e ética.

Paracatu, 227 anos: cidade que pulsa no coração da gente

Entre memória e futuro, Paracatu celebra sua essência e o orgulho de ser terra que abraça, sonha e floresce



Paracatu chega aos seus 227 anos com o mesmo brilho de sempre, o brilho que nasce das ladeiras antigas e se espalha nas luzes de uma cidade em transformação. Entre história e esperança, a velha e querida Paracatu se renova, sem perder o sabor das origens nem o calor de seu povo. É guardião do passado e protagonista de novos tempos; é tradição que respira modernidade, é chão de afeto e de trabalho.

Com o tema “Paracatu no Coração da Gente”, o aniversário deste ano é mais do que uma festa: é um retrato vivo do amor que move a cidade. São dias de música, arte, fé, esporte e encontros, uma celebração que percorre cada bairro, cada praça, cada lembrança.

As comemorações começaram no dia 8 de outubro, com a inauguração da Praça do Vista Alegre, novo espaço de convivência e memória. No dia 11, a cidade despertou para a consciência e o cuidado com os animais, em uma blitz educativa. E no Dia das Crianças (12/10), a alegria coloriu a Avenida Olegário Maciel, com a 1ª Corrida Kids, feira de adoção e uma programação dedicada aos pequenos sorrisos que são o futuro de Paracatu.

Entre os dias 14 e 16, o campo também se veste de festa, com a entrega de sementes e a homenagem ao jornalista Florival Ferreira, na Casa de Cultura, um tributo à palavra e à memória paracatuense.

A fé se faz encontro no dia 17, com a Santa Missa na Avenida Olegário Maciel, e a emoção ganha ritmo no dia 18, com a Minas Master RUN e shows de Thalita



Abreu e a Marcha para Jesus com Maria Marçal. No dia 19, a noite foi de brilho e canto com Fabrício e Leonardo, Zezé Di Camargo e Danilo e Davi, uma celebração que une gerações.

O desfile cívico, no dia 20, resgata o orgulho de ser paracatuense, encerrando-se em samba e pertencimento.

A festa segue com obras e inaugurações que contam a história do presente: no dia 21, a rotatória da MG-188; no dia 22, a Praça do Paracatuzinho; e no dia 23, o lançamento da Rota de Afroturismo do Quilombo de São Domingos, um tributo às raízes negras que sustentam a cidade. No dia 24, Paracatu ganha um novo marco: a Ponte JK/Alto do Açude, símbolo de integração e progresso.

A Escola Afonso Arinos abre as portas, nos dias 24 e 25, para o projeto de capoeira “Balanço da Ginga”, e o passeio Outubro Rosa une esporte e consciência em um só gesto de cuidado. O mês se encerra com a campanha Outubro Rosa, no dia 30, na Praça Firmina Santana, e a Ceia da Unidade COMEP, no dia 31, selando um ciclo de fé e união.

Mais do que um aniversário, este é um tempo de pertencimento. Um convite para agradecer o que fomos celebrar o que somos e sonhar o que ainda seremos.

Porque Paracatu é feita de memória, de luta e de amor, de mãos que constroem e de corações que batem no mesmo compasso. Paracatu, 227 anos: cidade que vive dentro da gente, terra que não cabe no mapa, porque mora no coração.

Entre as Coisas Miúdas

Manoel de Barros disse, e, com certeza, sentiu: “Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.” . . . E é assim que me sinto em seus dizeres, nos meus sentimentos refletidos no seu jeito simples de ser e de olhar o mundo.

... Há em suas palavras uma quietude que me alcança, um modo leve de existir entre o que é pequeno e essencial...

Aprendo com ele que a vida, às vezes, cabe inteira no intervalo de um olhar silencioso...

Com Manoel, aprendo a estar quieta, no meio das coisas miúdas, ali onde o vento toca o pó, onde a formiga carrega o seu universo, onde o tempo parece se esquecer de correr...

Passo os dias assim, e me encanto...

Não com o grandioso, nem com o que brilha demais, mas com o simples, o que respira manso, o que floresce sem alarde...

É nesse miúdo que mora a poesia do viver...

É ali que descubro o sentido de estar no mundo: não para vencer o tempo, mas para habitá-lo com doçura...

Porque é nas miudezas da vida que o coração aprende a ser infinito...



Entender o apreço por Manoel de Barros é também compreender a poesia que habita as pequenas coisas...

Sua obra encanta justamente pela simplicidade e pela profundidade com que ele olha o cotidiano, a natureza e tudo aquilo que, por distração, a maioria das pessoas não vê, mas que ele transformou em eternidade...

Como me sinto Manoel nesta noite!

Prefeitura inaugura praça no bairro Vista Alegre

Um espaço que traz alegria e uma memória de esperança

Na noite de 8 de outubro, o bairro Vista Alegre se encheu de luz, emoção e gratidão com a inauguração da Praça Carmencita do Amparo Pinto Rabelo Couto. A cerimônia reuniu autoridades, familiares, servidores e moradores, celebrando não apenas uma nova obra, mas um gesto de amor à comunidade e à memória de uma mulher que marcou gerações.

Compuseram o espaço de destaque o prefeito Igor Santos, o vice-prefeito Pedro Adjuto, o presidente da Câmara Municipal, vereador Manoel Alves, o autor do requerimento de construção e denominação da praça, vereador Gesiel Magalhães, o secretário municipal de Governo, Altanir Júnior, o secretário interino de Meio Ambiente, Bruno Lacerda, e Emanuelle Rabelo, filha da homenageada, que representou com emoção toda a família de Carmencita.

A nova praça chega como símbolo de desenvolvimento e convivência. O espaço foi cuidadosamente planejado para acolher pessoas de todas as idades:

- Playground moderno e seguro, cercado por alambrado e com piso emborrachado;
- Bancos de concreto e aço, convidando ao descanso e à conversa;
- Academia ao ar livre, promovendo saúde e bem-estar;
- Paisagismo com jardins gramados, iluminação, lixeiras e calçadas com piso intertravado, compondo um ambiente bonito, acessível e sustentável.

Mais do que uma obra urbana, a Praça Carmencita é um investimento no bem-estar e na alma do Vista Alegre, um lugar onde o tempo se encontra com as memórias e o futuro floresce em novas convivências.



Carmencita deixou sua história

Nascida em 13 de setembro de 1959, em Paracatu, Carmencita do Amparo Pinto Rabelo Couto foi filha de Joana e Miguel e viveu com simplicidade e força. Trabalhou desde cedo como auxiliar de limpeza, conquistou com esforço sua casa no bairro Vista Alegre e construiu ali o sonho de uma vida digna, cercada de fé e família.

Mãe dedicada de Camila, Bianca, Joana D’Arc e Emanuelle, Carmencita foi também uma presença constante na Comunidade São Zacarias, participando das celebrações e das causas do bairro. Lutou por melhorias, acreditou na união dos vizinhos e sonhou com a praça que agora leva o seu nome.

Mesmo diante da doença, manteve a serenidade e a fé, despedindo-se com ternura: “Jesus, agora o Senhor pode fazer de mim o que o Senhor quiser.”

Hoje, a Praça Carmencita é mais do que um espaço físico, é um jardim de lembranças e esperança, onde cada flor, cada riso de criança e cada encontro de vizinhos reafirma o legado de uma mulher que soube transformar simplicidade em grandeza.

Paracatu celebra, o Vista Alegre se renova, e Carmencita vive, eternizada em cada passo que ecoa sobre este chão de amor e memória.

Quando a vida insiste: a força e os limites da natureza que resiste

Reflexão sobre a resiliência dos ecossistemas diante da devastação e os desafios urgentes da crise climática

Mesmo diante da motosserra que transforma árvores em tocos, a vida encontra maneiras de renascer. Brotos verdes despontam da aridez, rompendo a paisagem devastada e lembrando que o ciclo da natureza não se deixa encerrar facilmente. Essa capacidade de regeneração, surpreendente e silenciosa, carrega em si um duplo significado: é beleza que inspira e advertência que alerta.

Segundo dados do MapBiom (2024), mais de 12 milhões de hectares de áreas desmatadas no Brasil já apresentam sinais de regeneração natural. No Cerrado, raízes profundas permitem que espécies sobrevivam a queimadas recorrentes. Na Amazônia, pesquisas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) indicam que áreas de floresta secundária podem recuperar parte da biodiversidade em algumas décadas, desde que haja proteção adequada. Até em áreas urbanas, estudos de ecologia urbana registram como plantas e aves encontram formas de resistir ao concreto.

Mas a resiliência não pode ser confundida com licença para devastar. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2023) alerta que a perda acelerada de biodiversidade e o aquecimento global ameaçam a capacidade de recuperação dos ecossistemas. O Brasil, guardião da maior floresta tropical do planeta, é também um dos países mais afetados pelo desmatamento.

As vozes que marcaram a luta ambiental ajudam a dimensionar o desafio. “A luta pela floresta é, ao mesmo tempo, uma luta pela humanidade”, lembrava

Chico Mendes. Henry David Thoreau já dizia que “em cada floresta está o milagre do renascimento”, enquanto Rubem Alves enxergava em cada árvore “uma pregação de esperança”. Clarice Lispector, em uma metáfora precisa, advertia: cortar sem cuidado pode desmontar todo um edifício, e o mesmo vale para a natureza.

A pergunta que se impõe é: até quando haverá chance de renascimento? Mais que resistir, a natureza precisa de aliados. A sociedade precisa avançar em políticas públicas que priorizem a sustentabilidade, investir em educação ambiental e repensar um modelo de consumo que transforma abundância em escassez.

A árvore que renasce no toco é símbolo de esperança. Mas esperança, sozinha, não basta: exige consciência, responsabilidade e ação.



Florival Ferreira: o homem que escreveu Paracatu com alma e palavra

Em cerimônia na Fundação Casa de Cultura, Paracatu presta homenagem póstuma ao jornalista que eternizou a cidade em suas crônicas

Na noite de 16 de outubro, a sede da Fundação Casa de Cultura de Paracatu foi palco de um momento de emoção e memória. Em cerimônia solene, foi realizada a homenagem póstuma a Florival de Assis Ferreira, que a partir desta data passa a integrar o Salão de Fotografias da Casa, espaço dedicado a personalidades que dignificam o nome de Paracatu nas mais diversas áreas da vida pública e cultural.

Compuseram a mesa o prefeito Igor Santos, o vice-prefeito Pedro Adjuto, o presidente da Câmara Municipal, Manoel Alves, a representante da Casa de Cultura, Janine Souto, o secretário municipal de Cultura, Thiago Venâncio, o secretário de Turismo, Igor Diniz, o presidente do Conselho do Salão de Fotografias, Max Ulhoa, a presidente da Academia de Letras do Noroeste de Minas, Dra. Daniela Prado e representando o homenageado, esteve presente a esposa, Ruth Brochado Ferreira, que recebeu, em meio a aplausos comovidos, o reconhecimento da cidade que seu companheiro tanto amou.

O Salão de Fotografias da Casa de Cultura é mais que uma galeria, é um espelho de

gratidão. Nele, cada retrato é uma história, cada olhar, uma lembrança que resiste ao tempo. E agora, entre essas memórias, repousa também o sorriso discreto de Florival Ferreira, jornalista, cronista, contador de histórias e cidadão paracatuense por amor e convicção.

Nascido em 1954, em Bonança, no norte de Minas, Florival trilhou um caminho de letras, ética e compromisso. Formado em Direito, encontrou no jornalismo sua verdadeira morada. Chegou a Paracatu em 1979, para trabalhar na Caixa Econômica Federal, mas também foi na palavra, dita e escrita, que edificou sua presença. Ajudou a fundar e colaborou com veículos que marcaram época, como O Mensageiro do Cerrado, Folha do Noroeste, Revista In Foco, Revista Vitrine, TV Paracatu e Portal Paracatu.net. Comentarista de rádio, cronista do cotidiano e voz lúcida da cidade, foi também sócio-fundador da Academia de Letras do Noroeste de Minas.

Florival acreditava que o amor por uma terra se prova nas pequenas escolhas. Nunca gostou de comprar fora de Paracatu, dizia que aqui trabalhava, e aqui devia gastar. Essa



fidelidade o acompanhou até o fim: pediu que, ao partir, fosse sepultado em Paracatu, a cidade que adotou como lar definitivo.

Ao longo da vida, recebeu títulos e homenagens que atestam sua relevância e generosidade: Cidadão Honorário (1998), Ordem do Mérito Legislativo (2010), honrarias da Polícia Militar e do Conselho Internacional de Artes e Letras, além de moções e reconhecimentos da Câmara Municipal e da imprensa local. Hoje, tramita no Legislativo a criação da Medalha Florival Ferreira, destinada a valorizar a imprensa e a cultura.

Casado com Ruth Brochado Ferreira, com quem compartilhou a vida,

o palco e os sonhos, Florival foi pai de Marília e Cecília, e avô de Afonso, Alice (in memoriam) e Vicentino.

Na parede da Casa de Cultura, sua fotografia agora repousa ao lado de outros nomes que ajudaram a contar a história de Paracatu. Mas é nas ondas do rádio, nas páginas dos jornais e nas memórias de amigos e leitores que Florival de Assis Ferreira continua vivo, escrevendo, como sempre fez, o cotidiano com a ternura de quem sabia que a notícia, antes de tudo, é feita de gente.

Florival não se foi, apenas passou a morar na saudade e nas manhãs de Paracatu, onde o jornalismo ainda tem cheiro de terra e alma de gente.



Motores e Emoções: Paracatu vibra com o 15º Encontro Nacional de Motociclistas e Triciclistas

Entre o ronco dos motores e o calor das amizades, o Parque de Exposições da Coopervap se transformou em um cenário de liberdade, música e paixão sobre duas e três rodas

O som dos motores ecoou forte em Paracatu entre os dias 3 a 5 de outubro, quando a cidade recebeu o 15º Encontro Nacional de Motociclistas e Triciclistas, realizado no Parque de Exposições da Coopervap. O evento, organizado com dedicação e espírito de estrada pelo Moto Clube Aventureiros do Asfalto, superou todas as expectativas, consolidando-se como um dos maiores encontros do gênero em Minas Gerais.

Mais de 150 moto clubes inscritos, além de diversos participantes não inscritos, vieram de diferentes regiões do Brasil, trazendo triciclos reluzentes, motorhomes e histórias que se cruzam nas estradas da vida. O público, estimado em cerca de 5 mil pessoas ao longo dos três dias, lotou o parque, celebrando o companheirismo, a liberdade e a cultura motociclista.

As noites foram embaladas por shows inesquecíveis que uniram o som potente das guitarras à vibração do público. No palco principal, a sexta-feira foi marcada pelas apresentações das bandas Flying Gourds (Paracatu), Wild Mary (Belo Horizonte) e Tracii Roxx (Patos de Minas). No sábado, o ritmo continuou com Cerrado Kentucky (Brasília), Creedence 4ever (São Paulo) e



Best Remember (Goiânia), que levaram o público a uma viagem musical por clássicos do rock e pelas estradas do coração.

Além do palco principal, o evento contou com uma atmosfera de pluralidade musical, com shows alternativos que animaram as tendas temáticas: Banda Horda, na Tenda Noroeste Rock Minas, e Alessandro Cândido, na Tenda do Moto Clube Brotherhood.

Mais do que um evento sobre rodas, o encontro foi uma celebração de traje-

tórias, um espaço onde cada motociclista reencontrou amigos, fez novas parcerias e compartilhou o mesmo espírito de aventura. Cada moto estacionada carregava uma história, cada som de escapamento trazia uma lembrança, e cada abraço selava a cumplicidade que nasce entre aqueles que vivem o mesmo amor pela estrada.

E quando o último acorde se perdeu no ar e os motores silenciaram, ficou a certeza de que Paracatu segue sendo ponto de che-

gada e de partida, um lar temporário para quem vive a vida com vento no rosto e coração em movimento.

Apoios e Parcerias

O 15º Encontro Nacional de Motociclistas e Triciclistas de Paracatu contou com o apoio de 120 patrocinadores, cuja colaboração foi essencial para o sucesso do evento. A organização também destacou a parceria e o empenho dos Moto Clubes locais e instituições que fortalecem o movimento motociclista na cidade.

Entre os apoiadores, estiveram:
Moto Clube Bielas de Ouro
Moto Clube Alacranes de Azo
Moto Clube Bodes do Asfalto
Moto Brotherhood
Moto Clube Insanos
Moto Clube Trutas
Moto Clube Gunslinger
Noroeste Rock Minas

O evento contou ainda com o importante apoio da Prefeitura Municipal de Paracatu e da Secretaria Municipal de Turismo, reafirmando o compromisso da cidade em promover cultura, lazer e integração por meio da paixão sobre rodas.

Encontro do Ministério Público e Movimentos Sociais em Paracatu abre espaço para o diálogo democrático

Escuta, transparência e participação cidadã marcam o compromisso com os direitos fundamentais no Noroeste de Minas



Paracatu foi palco, no último dia 26 de setembro, de um encontro que uniu instituições, movimentos sociais e comunidades tradicionais em torno de uma pauta comum: o fortalecimento da democracia participativa. O Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), por meio do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Apoio Comunitário, Inclusão e Mobilização Sociais (CAO-Cimos) e da Coordenadoria Regional Noroeste, promoveu o Encontro com Movimentos Sociais e a Sociedade Civil organizada, reunindo representantes de dez municípios da região.

Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Coromandel, João Pinheiro, Paracatu, Patos de Minas, Presidente Olegário, Unai e Vazante estiveram representados na sede da Prefeitura Municipal. Mais do que apresentar serviços ou estruturas do Ministério Público, a proposta central foi abrir espaço para a escuta: transformar demandas cotidianas em pontos de partida para ações concretas.

O poder da escuta



Grande parte da programação foi dedicada às falas dos movimentos sociais, reafirmando que a democracia não se faz apenas nos gabinetes ou tribunais, mas, sobretudo no encontro de vozes plurais. A abertura contou com apresentação cultural da Caretada dos Amaros e foi seguida por falas de autoridades e lideranças comunitárias.

O promotor de Justiça Davi Reis Salles Bueno Pirajá destacou que a Promotoria deve ser reconhecida como espaço da população. “O Ministério Público é um intermediário entre o poder público e a sociedade. A Promotoria de Justiça é a casa do povo”, afirmou. A promotora Thaís Raquel Alves Trindade reforçou que os movimentos sociais são “a mais pura expressão da cidadania e do pluralismo político” e que a informação é a ferramenta mais poderosa para ampliar a participação social.

Vozes que resistem



Representando comunidades tradicionais, o cigano Calon Amadeu Batista da

Silva lembrou que “o conhecimento liberta” e ressaltou a urgência de combater a invisibilidade e a discriminação contra os povos ciganos. Já a quilombola Rosilene Bispo, conselheira municipal de Promoção à Igualdade Racial, classificou o encontro como histórico: “Hoje, em Paracatu, não temos apenas promotores, temos parceiros. Isso há alguns anos, era inimaginável”.

Para a promotora de Justiça Mariana Duarte Leão, que atuou como coordenadora regional da Cimos Noroeste, a continuidade do trabalho desenvolvido pelo MPMG na região é fundamental. “O Ministério Público é uno e indivisível. Vemos que o trabalho segue acontecendo, se aprimorando, e isso só é possível com a resposta e participação da comunidade”, destacou.



O juiz diretor do Foro da comarca de Paracatu, José Rubens Borges Matos, afirmou que o Ministério Público se consolidou como agente de transformação social, enquanto o prefeito Igor Pereira dos Santos destacou avanços obtidos a partir da aproximação entre o poder público e os movimentos sociais.

Encerrando a mesa, o coordenador do CAO-Cimos, promotor de Justiça Paulo César Vicente de Lima, sintetizou o espírito do encontro: a democracia participativa nasce do somatório de forças. “Os movimentos sociais possuem a legitimidade da experiência e o conhecimento da realidade cotidiana, enquanto o Ministério Público dispõe dos instrumentos jurídicos e institucionais. É nessa parceria que encontramos o verdadeiro significado da democracia participativa”, afirmou.

Mais que um encontro

O evento foi marcado pelo compromisso com a continuidade: não apenas um momento de escuta, mas um convite a uma colaboração permanente entre o Ministério Público e a sociedade civil organizada. Em tempos de incertezas e polarizações, a reunião deixou uma mensagem clara: quando a sociedade é ouvida, a justiça cumpre sua vocação maior — a de garantir vida, dignidade e pluralidade.



Digitalize & Empreenda em Paracatu é aberto com foco no fortalecimento do empreendedorismo regional

Maior evento de empreendedorismo, inovação e tecnologia do Noroeste de Minas reúne empresários, estudantes e potenciais empreendedores



Na manhã do dia 27 de setembro, Paracatu recebeu a edição especial do Digitalize & Empreenda, considerado o maior evento de empreendedorismo, inovação e tecnologia do Noroeste de Minas. A iniciativa é promovida pelo Sebrae Minas, pela Agência de Desenvolvimento Sustentável de Paracatu (ADESP) e pela Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

Realizado no Centro Universitário Atenas, o encontro reuniu cerca de 250 participantes, entre empresários, estudantes e potenciais empreendedores, que puderam acompanhar palestras, oficinas e uma Rodada de Negócios. O objetivo foi capacitar os participantes em estratégias e ferramentas de marketing digital, além de promover conexões que favoreçam o fortalecimento do ecossistema empreendedor local.

Segundo o presidente da ADESP, Leonardo Barros, o evento cumpriu sua missão de atualizar e motivar os empreendedores da região. “Foi muito importante para colocarmos os empreendedores de Paracatu e região em um patamar adequado ao que está acontecendo de mais moderno no Brasil, trazendo histórias de sucesso e inspiração em um

mundo com tantos desafios”, avaliou.

A Rodada de Negócios contou com 14 empresas compradoras e 60 fornecedores locais, gerando expectativas de vendas de R\$ 106 milhões ao longo dos próximos 12 meses, de acordo com levantamento do Sebrae Minas. Para a analista do Sebrae, Patrícia Rezende, a ação representa uma oportunidade concreta de desenvolvimento. “A Rodada gerou muitas oportunidades entre os participantes, aproximando grandes empresas compradoras de possíveis novos fornecedores. É um instrumento fundamental para fortalecer o ecossistema empreendedor e impulsionar o desenvolvimento econômico regional”, destacou.

O programa Digitalize, já realizado em várias cidades do estado, leva capacitações voltadas à digitalização e inovação empresarial, oferecendo soluções práticas para os desafios enfrentados pelas empresas no dia a dia. Já o Empreenda Paracatu, que em 2025 chegou à sua terceira edição, tem como propósito estimular conhecimento, gerar conexões e promover oportunidades de negócios, consolidando o município como um polo de referência para o empreendedorismo no Noroeste de Minas.



Paracatu celebra sua memória viva na 10ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural

Paisagens culturais e nomes que contam histórias unem comunidade em um setembro de reflexão e pertencimento



Durante o mês de setembro, Paracatu se vestiu de memória e identidade para acolher a 10ª Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, que trouxe como tema “Paisagens Culturais e Patrimônio Toponímico”. A iniciativa da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, em parceria com o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA), mobilizou instituições, escolas, artistas e comunidade para pensar, sentir e valorizar o patrimônio que nos cerca.

As paisagens culturais, onde a natureza e a ação humana se entrelaçam ao longo do tempo, revelaram-se como verdadeiros livros abertos: não apenas nos prédios, ruas e plantações, mas também nos saberes, nas tradições e nos gestos que carregam significados coletivos. Já o patrimônio toponímico, que resgata a importância dos nomes de lugares, ganhou destaque ao mostrar como cada palavra, cada topônimo, guarda um pedaço da história e da memória de um povo.

Em Paracatu, a Jornada foi conduzida pela Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o COMPHAP. As ações se materializaram em palestras com o historiador Carlos Macagi, rodas de conversa

e visitas a espaços de memória, como o Parque Estadual e o Quintal da Ângela, promovendo encontros entre gerações e fortalecendo vínculos com o território.

Mais de 150 estudantes da rede pública participaram das atividades, vindos da Escola Municipal Cacilda Caetano de Souza (EJA), Escola Estadual Júlia Camargos, do IFTM – Campus Paracatu, além de artistas locais de pintura e artesanato. “Ao envolver alunos e criadores, conseguimos ampliar a noção de patrimônio: não apenas o material, mas também o imaterial, feito de ofícios, tradições e afetos”, ressaltou a diretora de Cultura, Rosilene Cardoso, que coordenou a Jornada no município.

Para o secretário de Cultura, Thiago Venâncio, o momento foi de inspiração: “Essa Jornada é uma oportunidade única de refletir, pesquisar e vivenciar a riqueza do nosso patrimônio, em diálogo com novas gerações e com as histórias que dão nome e sentido ao nosso lugar no mundo”.

Assim, Paracatu reafirma sua vocação: ser guardião da memória e, ao mesmo tempo, laboratório de futuro. Porque preservar é mais do que olhar para trás, é reconhecer, no presente, as raízes que sustentam a identidade de um povo.



O sabor da terra: a Manteiga Paracatu e o orgulho que vem do Vale



Há sabores que parecem conter o som do vento sobre o cerrado e o calor do sol nas manhãs de Paracatu. A Manteiga Paracatu é um desses, um pedaço de Minas que derrete sobre o pão e desperta memórias de infância, mesa posta e conversa boa. Vou contar um pouco da minha experiência com ela em 1976. Ainda era vendida em latas de tons dourados. Eu nunca havia provado uma manteiga industrializada tão deliciosa, parecia manteiga feita em casa de vó. Adorava quando chegava o horário dos lanches: o pãozinho quentinho que abraçava a manteiga e beijava o café. Essa é uma lembrança doce de quando eu e minha família chegamos a Paracatu. Desde então, a manteiga virou mais que um alimento, virou lembrança, afeto e símbolo. E sempre que viajo, levo comigo um pote dela: de presente, de memória e de orgulho.

Produzida pela Coopervap, a Manteiga Paracatu reafirma o valor do trabalho cooperativo e da tradição mineira na produção de laticínios de excelência.

Tradição e sabor que contam histórias

Há sabores que carregam histórias, memórias e a força de um lugar. Em cada pote da Manteiga Paracatu, produzida pela Cooperativa Agropecuária do Vale do Paracatu (Coopervap), há mais do que leite e técnica: há o suor do campo, o cuidado de mãos que moldam o tempo e o orgulho de uma cidade que aprendeu a transformar simplicidade em arte.

Reconhecimento que enaltece o Brasil

Em outubro de 2025, o nome “Paracatu” voltou a ecoar com brilho no cenário internacional. A repercussão da conquista reforçou algo que Minas já sabe: o Brasil produz laticínios de excelência, e a Manteiga Paracatu é um de seus maiores símbolos reconhecido internacionalmente pela qualidade, textura, aroma e sabor.

Mãos que moldam a excelência

A história da manteiga da Coopervap é feita de constância, experiência e dedicação. O supervisor industrial Jaci Gonçalves, responsável pela produção, soma 34 anos de serviços prestados à cooperativa. De sua rotina precisa e silenciosa, nascem cerca de seis toneladas diárias de um produto que é sinônimo de qualidade, sabor e confiança. Cada pote carrega um pouco da alma cooperativista, construída com trabalho coletivo, rigor técnico e amor pelo que se faz. É o resultado de um processo artesanal aliado à tecnologia, que mantém viva a tradição e assegura a excelência que distingue os produtos da Coopervap.

Reconhecimento e identidade regional

Não é de hoje que o nome da Coopervap tem peso no setor. Em 2019, os Produtos Paracatu, marca da cooperativa, recebeu o título de melhor manteiga do Brasil, reconhecimento que coroou décadas de empenho e compromisso com a qualidade.

Mais do que um alimento, a Manteiga Paracatu é um símbolo de identidade regional. Em seu brilho dourado reflete-se o sol do Cerrado, a paciência nas vacas leiteiras, o canto do amanhecer nas fazendas e o sentimento de pertencimento de um povo que aprendeu a cooperar.

Tradição que amadurece com o tempo

Num tempo em que o mundo busca autenticidade e valoriza o que é verdadeiro, a manteiga da Coopervap reafirma o poder do local diante do global. Ela é o testemunho de que a tradição não envelhece, amadurece. Assim, cada colherada da Manteiga Paracatu é mais do que um sabor: é um gesto de memória, um pedaço da história viva de Paracatu, um tributo ao campo que alimenta e à gente que nunca deixou de acreditar que qualidade também nasce no coração do Cerrado.

Kinross promove bate-papo sobre TEA e Neurodivergências para representantes de projetos esportivos

Iniciativa reforça compromisso com a inclusão no esporte para acolher alunos(as) com respeito e cuidado

A Kinross promoveu, no dia 3 de outubro, um bate-papo especial sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras neurodivergências, com o objetivo de tornar o esporte cada vez mais inclusivo. O encontro, voltado para parceiros(as), professores(as) e monitores(as) de projetos esportivos apoiados pela empresa, via Lei Federal de Incentivo ao Esporte, ocorreu na Casa Kinross, e foi conduzido pela psicóloga Ana Jéssica Gonçalves.

A atividade reforçou a importância de práticas que promovam o acolhimento e o respeito a estudantes e participantes dos programas, especialmente aqueles(as) com neurodivergências. Durante a conversa, foram compartilhados conhecimentos e reflexões sobre como adaptar e humanizar o ambiente esportivo, garantindo que cada pessoa se sinta incluída e valorizada. “Tivemos esse momento para trazer um apoio mais especializado para os(as) proponentes dos projetos de esporte. Hoje, a gente vive num mundo cada vez mais inclusivo e diverso, e todo mundo precisa estar mais preparado”, destacou Luana Gomes, Gerente de Comunicação e Comunidade da Kinross.

A psicóloga Ana Jéssica Gonçalves reforçou a importância do tema: “Abordamos especificamente o transtorno do espectro autista, justamente para devolver

à comunidade, para representantes, para quem está à frente dos projetos, um pouco mais de conhecimento para gerar inclusão e para lidar também com a nossa população neurodivergente”.

“Receber uma tarde de formação de uma pessoa capacitada, uma psicóloga que conhece bastante do assunto, faz com que a gente abra a nossa cabeça e saiba lidar com essa criança que tenha TEA”, ressaltou Alisson Guirra, coordenador do Projeto Gol de Letra. Arthur Rodrigues, professor de judô, complementou: “E o que eu percebo na apresentação que a gente teve, nessa palestra, é que funcionou muito bem como uma formação para nós professores”.

A ação reforça o compromisso da Kinross com o desenvolvimento das comunidades onde atua, promovendo não apenas o esporte, mas também a formação contínua de quem atua diretamente com crianças e jovens.



Rosa é Vida: o cuidado que floresce em Paracatu

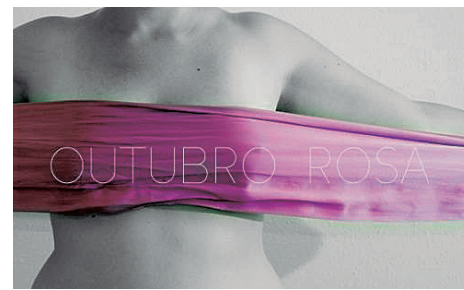
Campanha #RosaÉVida reforça a importância do autocuidado, da prevenção e do diagnóstico precoce, convidando toda a comunidade a vestir o rosa e espalhar consciência e solidariedade

Outubro chega em tons de rosa. É o mês em que ruas, praças e corações se iluminam para lembrar que cuidar de si é um gesto de amor, e que o diagnóstico precoce pode transformar histórias. Em 2025, o Outubro Rosa traz como tema o autocuidado e o diagnóstico precoce do câncer de mama, enfatizando que conhecimento e atitude são aliados poderosos na luta pela vida.

Em Paracatu, a campanha #RosaÉVida já floresce em cada canto da cidade. Promovida pela Secretaria da Mulher, Igualdade Racial e Juventude em parceria com a Secretaria de Saúde, a ação busca muito mais do que alertar sobre a importância dos exames preventivos. Ela acolhe, informa e inspira. “Queremos que todas as mulheres se sintam acolhidas e informadas. Cuidar da saúde é um direito e também um ato de força”, destaca Maria José Magalhães, secretária da Mulher, Igualdade Racial e Juventude.

Durante todo o mês, a Praça Firmina Santana ganha iluminação especial, um símbolo vivo de esperança, um convite à reflexão e à solidariedade. Ali, o rosa se torna cor de resistência e lembrança das muitas mulheres que transformaram dor em coragem.

A programação do Outubro Rosa em Paracatu reúne caminhadas, rodas de conversa, atividades culturais, esportivas e educativas, todas com um mesmo propósito: incentivar o cuidado contínuo e fortalecer o vínculo da comunidade com a saúde. As ações são voltadas especialmente para mulheres na faixa etária indicada para exames preventivos, mas abrem espaço para todas as idades, inclusive jovens, que podem participar nas redes sociais vestindo



rosa e usando a hashtag #RosaÉVida.

A campanha digital amplia esse movimento. Depoimentos, vídeos curtos e mensagens de apoio circulam pelas redes, multiplicando gestos de solidariedade e informação. São histórias de superação, orientações sobre prevenção, explicações sobre a mamografia e os sinais de alerta, um mosaico de vozes que ecoam a importância de estar atento ao corpo e ao tempo.

Mais do que uma campanha, o Outubro Rosa é um chamado à consciência e à ternura. Lembra que o cuidado começa no cotidiano, em cada escolha saudável, em cada consulta marcada, em cada palavra de apoio. Porque prevenir é também amar, e o amor, quando cultivado, floresce em força e em vida.

Em Paracatu, o rosa é mais que cor: é símbolo, é afeto, é vida.

Referências:

- Ministério da Saúde – Campanha Outubro Rosa 2025
- Secretaria da Mulher, Igualdade Racial e Juventude de Paracatu
- Campanha municipal #RosaÉVida (Prefeitura de Paracatu, 2025).



Celebramos 227 anos de tradição, cultura e desenvolvimento.

Crescemos juntos(as), compartilhando o orgulho de fazer parte dessa história.

Parabéns, **Paracatu!**

ExpoParacatu 2025: o retorno de uma tradição que faz Paracatu pulsar novamente

Após seis anos, a festa que une campo e cidade volta com força total, reafirmando a identidade, o orgulho e o espírito de reencontro do povo paracatuense



Paracatu viveu dias de festa, emoção e prosperidade com a realização da 34ª ExpoParacatu e da 5ª AgroParacatu. O Parque de Exposições da Coopervap se transformou em um verdadeiro cenário de tradição e inovação, recebendo milhares de visitantes em uma estrutura grandiosa que refletiu a força da feira para todo o Noroeste de Minas.

Mais que uma celebração, a ExpoParacatu reafirmou-se como símbolo de reencontro, esperança e desenvolvimento. Ao lado dela, a AgroParacatu consolidou-se como a maior feira do agronegócio regional, reunindo conhecimento, tecnologia, negócios e parcerias que fortalecem o campo e impulsionam a economia local.

Tradição e união que movem Paracatu



A abertura oficial aconteceu no dia 17 de setembro, marcando o retorno da feira após seis anos. A cerimônia reuniu autoridades municipais, estaduais, produtores, empresários e lideranças do setor agropecuário, um gesto simbólico de união e compromisso com o desenvolvimento regional.

Compuseram o dispositivo de honra o prefeito Igor Pereira dos Santos; a deputada estadual Marli Ribeiro; o vice-prefeito Pedro Adjuto; o presidente da Coopervap, Valdir Rodrigues de Oliveira; o vice-presidente da Coopervap, Lionel Oliveira; o presidente da Câmara Municipal, Manoel Alves; Frederico Porto Ulhôa, CEO do Grupo Bida; a vice-presidente da Irriganor, Rowena Petroll; João Pinton, representante do Sindicato Rural; Vasco Praça Filho, presidente da Cemil e ex-prefeito de Paracatu; Caio Silva Quirino, secretário municipal de Agropecuária; Altanir Junior, secretário de Governo; Igor Diniz, secretário municipal de Turismo; Hugo Siqueira, representante do Conselho Fiscal da Coopervap; Hidelfonso Ferreira Neto, representante do Conselho de Administração da Coopervap; Gilberto Azevedo, presidente e gerente geral da Kinross; Hiran Costa Rabelo, reitor do UniAtenas; Roberto Costa Rabelo, pró-reitor de Infraestrutura e Estratégia do UniAtenas; Ronaldo Siqueira Santos, presidente do Sicoob Credicopa; e o representante da Progreso Sementes, José Mário Pereira Júnior.

A cavalgada



A grande cavalgada que abriu a 34ª ExpoParacatu foi realizada no dia 17 de setembro, marcando o retorno triunfal do evento às ruas da cidade após seis anos. A população compareceu em peso para ver de perto a passagem dos cavaleiros e amazonas, que desfilaram com alegria e cores vibrantes, em uma celebração que é, ao mesmo tempo, tradição e espetáculo.



Como sempre, a cavalgada contou com a participação das comunidades rurais, reunindo aproximadamente 2 mil participantes, um verdadeiro retrato da força e da união do homem do campo.

Conhecimento e inovação no campo



Durante os dias de evento, os corredores da feira se encheram de vozes, passos e descobertas. O Palco do Conhecimento recebeu palestras sobre temas essenciais, como:

- Na mira do fisco: Imposto Territorial Rural (ITR) – com Fernando de Melo Carvalho.
- Sucessão sem guerra – com Daniel Rabelo.
- Cuidar hoje para produzir amanhã: a importância da água subterrânea.
- Cadastro Ambiental Rural e crédito rural – com Marcos Guimarães.
- IndustriAgro: vantagens e possibilidades – com Ricardo Aloysio, que destacou a integração entre campo e indústria como caminho para a modernização agrícola regional.



Durante a ExpoParacatu e a AgroParacatu, o Sebrae Minas e o Senai oficializaram a implementação do IndustriAgro no Noroeste de Minas. A iniciativa tem como foco aumentar a produtividade agrícola a partir da modernização dos processos de manutenção e do uso de equipamentos rurais. O projeto oferece consultorias especializadas, capacitações tecnológicas com o uso de unidades móveis do Senai e auditorias de manutenção, que permitem diagnosticar falhas, reduzir custos e otimizar a eficiência das propriedades. A proposta é atender, inicialmente, os produtores de grãos do município, com ações voltadas para o controle de estoque, gestão e modernização do uso de maquinários, desde sistemas de irrigação até tratores e colheitadeiras.

Sabores, cultura e encantos



Além do agronegócio, a ExpoParacatu foi também um espelho da alma cultural da cidade. O projeto “Moro Aqui, Compro Aqui” valorizou as quitandas, o artesanato e os sabores locais, reforçando o compromisso com o comércio e a produção paracatuense. A Fazendinha encantou crianças e adultos, promovendo o contato com os animais e despertando o respeito pela vida no campo.

Beleza e emoção sob as luzes do parque



Na noite do dia 18, o público viveu um dos momentos mais aguardados da feira: a coroação da Rainha ExpoParacatu 2025. Após seis anos, a jovem Vitória Borges conquistou a coroa em uma celebração marcada por emoção e representatividade. A escolha da Rainha simbolizou a valorização da mulher no cenário agropecuário e cultural da região. A vencedora foi premiada com um iPhone, enquanto a Primeira e a Segunda Princesa receberam R\$ 2 mil cada.



Música, alegria e segurança

As noites foram embaladas por grandes atrações: Amado Batista, Clayton &



Romário, Jiraya Uai, Luan Pereira e Ana Castela transformaram o parque em uma festa de sons e emoções, reunindo públicos de todas as idades.

No sábado, dia 20, a cantora Ana Castela se apresentou na 34ª ExpoParacatu 2025 em um show gratuito, que marcou o encerramento do evento e atraiu um público recorde de mais de 21 mil pessoas. Durante a apresentação, foi surpreendida por fãs que lhe presentearam com pintinhos, um gesto de carinho que se tornou um dos momentos mais comentados da programação.



A estrutura impressionou: mais de 10 mil metros de montagem metálica, painéis de LED, iluminação cênica de última geração e áudio profissional garantiram um espetáculo inesquecível. Tudo foi coordenado pelo Grupo Bida, com o apoio da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Turismo. A segurança também foi prioridade: um esquema especial da Polícia Militar, com reforço de efetivo, assegurou tranquilidade e bem-estar ao público.

Economia, reencontro e futuro

Com entrada gratuita em todos os dias, a ExpoParacatu 2025 recebeu milhares de visitantes, movimentando o comércio, o turismo e os serviços locais. O evento incluiu leilões de animais, torneio leiteiro, atrações culturais e técnicas, consolidando-se como um dos maiores encontros do agronegócio mineiro.

Paracatu, que hoje se destaca como maior produtora de feijão do Brasil, além de líder em soja e terceira em milho, reafirma sua vocação agrícola com inovação, tecnologia e o talento do pequeno produtor.

Organizadores e patrocinadores

A realização da ExpoParacatu foi fruto da parceria entre a Coopervap, o Grupo Bida e a Prefeitura de Paracatu, com patrocínio master da Kinross, UniAtenas, Colégio Atenas, Progresso Sementes e Sicoob/Credicopa. Já a AgroParacatu foi promovida pela Irriganor e pelo Instituto Irriganor, com correalização da Prefeitura Municipal, por meio das Secretarias de Agricultura e Governo, e apoio do Sebrae, Sindicato dos Produtores Rurais, Governo de Minas (Seapa) e da deputada Marli Ribeiro.

Entre o brilho das luzes, o cheiro da terra e o som das canções que embalaram cada noite, a ExpoParacatu 2025 mostrou que tradição e futuro podem dançar juntos no mesmo compasso. Uma festa que reviveu memórias, fortaleceu laços e fez o coração de Paracatu pulsar novamente, em sintonia com o orgulho, a alegria e a esperança de um povo que celebra suas raízes, olhando confiante para o amanhã.

Crônica “Tênis ou Frescobol”



Rubem Alves

Depois de muito meditar sobre o assunto concluí que os casamentos são de dois tipos: há os casamentos do tipo tênis e há os casamentos do tipo frescobol. Os casamentos do tipo tênis são uma fonte de raiva e ressentimentos e terminam sempre mal. Os casamentos do tipo frescobol são uma fonte de alegria e têm a chance de ter vida longa.

Explico-me. Para começar, uma afirmação de Nietzsche, com a qual concordo inteiramente. Dizia ele: ‘Ao pensar sobre a possibilidade do casamento cada um deveria se fazer a seguinte pergunta: ‘Você crê que seria capaz de conversar com prazer com esta pessoa até a sua velhice?’ Tudo o mais no casamento é transitório, mas as relações que desafiam o tempo são aquelas construídas sobre a arte de conversar.’

Xerazade sabia disso. Sabia que os casamentos baseados nos prazeres da cama são sempre decapitados pela manhã, terminam em separação, pois os prazeres do sexo se esgotam rapidamente, terminam na morte, como no filme O império dos sentidos. Por isso, quando o sexo já estava morto na cama, e o amor não mais se podia dizer através dele, ela o ressuscitava pela magia da palavra: começava uma longa conversa, conversa sem fim, que deveria durar mil e uma noites. O sultão se calava e escutava as suas palavras como se fossem música. A música dos sons ou da palavra - é a sexualidade sob a forma da eternidade: é o amor que ressuscita sempre, depois de morrer. Há os carinhos que se fazem com o corpo e há os carinhos que se fazem com as palavras. E contrariamente ao que pensam os amantes inexperientes, fazer carinho com as palavras não é ficar repetindo o tempo todo: ‘Eu te amo, eu te amo...’ Barthes advertia: ‘Passada a primeira confissão, ‘eu te amo’ não quer dizer mais nada.’ É na conversa que o nosso verdadeiro corpo se mostra, não em sua nudez anatômica, mas em sua nudez poética. Recordo a sabedoria de Adélia Prado: ‘Erótica é a alma.’

O tênis é um jogo feroz. O seu objetivo é derrotar o adversário. E a sua derrota se revela no seu erro: o outro foi incapaz de devolver a bola. Joga-se tênis para fazer o outro errar. O bom jogador é aquele que tem a exata noção do ponto fraco do seu adversário, e é justamente para aí que ele vai dirigir a sua cortada - palavra muito sugestiva, que indica o seu objetivo sádico, que é o de cortar, interromper, derrotar. O prazer do tênis se encontra, portanto, justamente no momento em que o jogo não pode mais continuar porque o adversário

foi colocado fora de jogo. Termina sempre com a alegria de um e a tristeza de outro.

O frescobol se parece muito com o tênis: dois jogadores, duas raquetes e uma bola. Só que, para o jogo ser bom, é preciso que nenhum dos dois perca. Se a bola veio meio torta, a gente sabe que não foi de propósito e faz o maior esforço do mundo para devolvê-la gostosa, no lugar certo, para que o outro possa pegá-la. Não existe adversário porque não há ninguém a ser derrotado. Aqui ou os dois ganham ou ninguém ganha. E ninguém fica feliz quando o outro erra - pois o que se deseja é que ninguém erre. O erro de um, no frescobol, é como ejaculação precoce: um acidente lamentável que não deveria ter acontecido, pois o gostoso mesmo é aquele ir e vir, ir e vir, ir e vir... E o que errou pede desculpas; e o que provocou o erro se sente culpado. Mas não tem importância: começa-se de novo este delicioso jogo em que ninguém marca pontos...

A bola: são as nossas fantasias, irrealidades, sonhos sob a forma de palavras. Conversar é ficar batendo sonho pra lá, sonho pra cá...

Mas há casais que jogam com os sonhos como se jogassem tênis. Ficam à espera do momento certo para a cortada. Camus anotava no seu diário pequenos fragmentos para os livros que pretendia escrever. Um deles, que se encontra nos Primeiros cadernos, é sobre este jogo de tênis:

‘Cena: o marido, a mulher, a galeria. O primeiro tem valor e gosta de brilhar. A segunda guarda silêncio, mas, com pequenas frases secas, destrói todos os propósitos do caro esposo. Desta forma marca constantemente a sua superioridade. O outro domina-se, mas sofre uma humilhação e é assim que nasce o ódio. Exemplo: com um sorriso: ‘Não se faça mais estúpido do que é, meu amigo’. A galeria torce e sorri pouco à vontade. Ele cora, aproxima-se dela, beija-lhe a mão suspirando: ‘Tens razão, minha querida’. A situação está salva e o ódio vai aumentando.’

Tênis é assim: recebe-se o sonho do outro para destruí-lo, arrebentá-lo, como bolha de sabão... O que se busca é ter razão e o que se ganha é o distanciamento. Aqui, quem ganha sempre perde.

Já no frescobol é diferente: o sonho do outro é um brinquedo que deve ser preservado, pois se sabe que, se é sonho, é coisa delicada, do coração. O bom ouvinte é aquele que, ao falar, abre espaços para que as bolhas de sabão do outro voem livres. Bola vai, bola vem - cresce o amor... Ninguém ganha para que os dois ganhem. E se deseja então que o outro viva sempre, eternamente, para que o jogo nunca tenha fim...

O Cristão e o Governo



Por Héverton Arthur Gonçalves Araújo

A agitação e violência nos dias atuais da sociedade brasileira tem trazido diversas preocupações e angústias. Dentre os maiores motivos de desconfortos está o fato social eminente da polarização política. Já faz um tempo que o assunto política está presente nas rodas de conversas de todas as parcelas sociais, inclusive da formada por cristãos. Entende-se como cristãos aqueles que creem em Jesus Cristo, como Filho de Deus, obedecem aos seus ensinamentos e fomentam o maior engajamento de pessoas à fé que professam.

A presença dos cristãos no debate público, além de incomodar pessoas, de ambos os polos ideológicos, que questionam: Afinal, o crente deve discutir sobre política? O cristão pode ser um político? Qual a relação que os cristãos têm com governo e poder, segundo o que creem? O Apóstolo Paulo, escrevendo aos Romanos, ensina princípios sobre o papel do cristão da vida em sociedade e com os governantes terrenos.

As primeiras atitudes são o respeito e a submissão às autoridades constituídas legitimamente, pois, segundo o próprio Paulo “não há autoridade que não venha de Deus”. Pois, sendo Deus soberano sobre tudo, toda a autoridade de governo no mundo é produto da sua vontade, ainda que permissiva, que é quando Deus permite que algo aconteça, embora não O agrade. O cristão deve conhecer, reconhecer, respeitar e obedecer às autoridades terrenas.

Além disso, a participação da vida em sociedade, como um todo, daquele que tem fé na pessoa de Jesus Cristo é, não somente um direito, mas também um dever. O cidadão não deixa de ser cidadão, titular de direitos e deveres, porque acredita nesta ou naquela doutrina ou teologia ou porque não crê em nada.

Resumindo, o cristão pode e deve participar, se posicionar e opinar na vida da cidade, estado ou país, porque ele também é alvo e está sujeito à autoridade e decisões do governante. Mais do que participar passivamente, é direito e dever do cristão, se quiser, também exercer governo ativamente, estando presente, uma vez que só se governa na presença, ainda que indireta, mas jamais na ausência.

A Bíblia Sagrada conta em Juízes 9: 8-15, a alegoria das árvores de um determinado bosque que queriam um rei para si. Unidas, foram à oliveira oferecendo a ela a oportunidade, que logo rejeita sob a justificativa de que não deixaria de produzir

as azeitonas, matéria prima do azeite, para governar sobre as demais.

Assustadas, mas esperançosas, foram à figueira que, ao ouvir à proposta também rejeitou dizendo que jamais deixaria o seu costume de produzir os figos que adoçam o paladar dos homens para se envolver na vida das demais árvores. Foram então à videira, que produz a uva, que também declinou do convite alegando estar muito ocupada produzindo o fruto que gera o vinho, a bebida que alegra o coração dos homens, segundo a narrativa.

Por fim, restou às árvores oferecerem o encargo ao espinheiro que o aceitou imediatamente e que, como primeiro ato, estabeleceu que se houvesse desobediência por parte de qualquer das árvores governadas, o castigo seria implacável. Ou seja, o espinheiro representa um governo ditatorial e cruel que assumiu o poder diante da omissão de alguém em se posicionar.

O Rei Salomão estabelece no livro de Provérbios que “quando os justos governam, o povo se alegra”, mas quando os perversos estão no poder “o povo geme”. Já colhemos numerosos e indigestos frutos da omissão no posicionamento e participação na sociedade, olvidando o fato que a cidadania espiritual e celestial, para os que creem assim, não anula a cidadania terrena da mesma pessoa.

Por último, mas importante, se espera que o cidadão cristão seja um constante intercessor pelas autoridades constituídas, em oração, rogando por aqueles que estão no poder, ainda que a ideologia do que está em evidência não seja a da minha identificação, pois o bem-estar e a tranquilidade da vida de toda a comunidade está diretamente ligada à competência do que está governando. A Bíblia diz em I Timóteo 2.3 que proceder assim “é agradável, perante Deus, nosso Salvador”.

Portanto, devemos como cidadãos, governados ou governantes, nos submeter às leis e autoridades, fazermos-nos presentes em todas as decisões da sociedade, inclusive exercendo governo, se preciso e legitimamente podido. O exercício do poder não pode ser um ato de arrogância, mas sim de serviço àqueles que são carentes da justiça que só pode ser exercida por um governo íntegro e responsável. Que Deus nos ajude!

Héverton Arthur Gonçalves Araújo é natural de Paracatu-MG, advogado, escritor, pastor, palestrante e assessor parlamentar. Instagram: @heverton.arthur X: @heverton_arthur

PARACATU SE DESPEDE DE DONA MARGARIDA, A PRIMEIRA E NFERMEIRA DA CIDADE

Aos 108 anos, Maria Margarida Neiva Brant deixa um legado de cuidado, dedicação e gratidão eterna



Dona Coraci Neiva e sua prima Maria Margarida Neiva

Paracatu amanheceu mais silenciosa nesta segunda-feira (29). Na noite de domingo (28), partiu Maria Margarida Neiva Brant, a eterna Dona Margarida, ou simplesmente tia Guida, como carinhosamente era chamada. Aos 108 anos, chegou para ela o “descanso dos Deuses”, depois de uma vida inteira dedicada a salvar e cuidar de tantas outras.

Primeira enfermeira de Paracatu, Dona Margarida fez da profissão um sacerdócio. Com mãos firmes e coração generoso, atravessou décadas cuidando de partos, doenças, dores e esperanças. Sua presença no Hospital Municipal marcou gerações, e em 2012, quando já contava 95 anos, recebeu justa homenagem da Secretaria Municipal de Saúde, na inauguração de 30 novos leitos. Foi lembrada, naquela ocasião, como uma das mais antigas e queridas enfermeiras da cidade.

No dia 29 de setembro, ao se despedir dela, a cidade reviveu esse sentimento: gratidão. Gratidão pela vida que se ofereceu inteira ao outro, pela paciência, pela escuta, pelo gesto simples que tantas vezes fez diferença entre dor e alívio.

Dona Margarida não foi apenas enfermeira. Foi também memória viva de uma Paracatu que cresceu e se transformou, mas que não esquece quem esteve à frente, nos momentos mais frágeis, garantindo cuidado quando a medicina ainda não tinha tantos recursos.

Aos 108 anos, partiu cercada de respeito, lembrança e carinho. Fica o exemplo de quem soube, com delicadeza, transformar trabalho em vocação e vocação em vida plena.

Na despedida, fica também a certeza de que sua história permanecerá entrelaçada à de Paracatu. Como uma flor que leva no nome, Margarida floresceu generosamente, e sua memória seguirá enraizada no coração da cidade.

A FOTOGRAFIA QUE GUARDA UM SILÊNCIO TRÁGICO

Quando a imagem se torna testemunho da dor e do desconhecimento



O que hoje nos parece apenas uma fotografia antiga, em sépia e estática, encerra uma das histórias mais sombrias e devastadoras do século XIX europeu. O retrato mostra Emil e Mary Keller, com sua filha Annie de apenas nove meses. Mas não se trata de uma cena familiar qualquer: é um exemplo perturbador da fotografia vitoriana post mortem, em que a morte se disfarça de quietude.

Os Keller, originários de Zurique, encarnavam a serenidade da classe média urbana. Casaram-se em 1890, vislumbrando um futu-

ro comum. Mas logo a fatalidade os marcou: o primeiro filho morreu apenas treze dias após o nascimento. A dor abriu feridas invisíveis. Mary mergulhou numa depressão profunda e, quando Annie nasceu, em 1893, o que poderia ser alívio transformou-se em abismo.

Vítima de uma psicose pós-parto, uma enfermidade tão grave quanto incompreendida na época, Mary começou a perder o contato com a realidade. Ouvia vozes, sofria delírios. Internada em sanatórios mais de uma vez, era sempre liberada cedo demais, num tempo em que a medicina caminhava às cegas diante da complexidade da mente. Emil, descrito como um marido dedicado sustentava a casa enquanto assistia impotente, ao colapso da esposa.

Na noite de 25 de janeiro de 1894, o destino chegou em estampidos de pólvora. Um vizinho ouviu tiros. Emil foi encontrado morto na cozinha; Mary, com um disparo na têmpora; e a pequena Annie, ferida no peito, com as roupas ainda em chamas. Tentaram salvá-las, mas mãe e filha morreram horas depois.

O enterro comoveu Zurique: mais de cinco mil pessoas acompanharam o funeral. Um caixão especial guardava os três corpos unidos pela tragédia. E foi nesse contexto que surgiu a fotografia. Mary aparece com a cabeça apoiada no ombro do marido, ocultando a ferida fatal; Annie repousa entre eles, como se dormisse. A cena, aparentemente serena, é, na verdade, o rastro de um inferno doméstico que a sociedade da época não soube nomear.

O médico que tratou Mary confessaria mais tarde: ela nunca deveria ter recebido alta tão cedo. Seu depoimento ecoa como crítica tardia, revelando o quanto a saúde mental era, e em muitos aspectos ainda é, território negligenciado.

A fotografia, então, não é mero registro. É denúncia. É cicatriz. É memória de uma época em que a ignorância sobre os transtornos da mente podia destruir famílias inteiras.

Como escreveu o historiador francês Philippe Ariès, “a fotografia post mortem não congelava apenas a imagem do falecido, mas também o drama de sua época”. No caso dos Keller, ela permanece como um testemunho doloroso da fragilidade humana diante do desconhecido.

Crédito: Pesquisa na internet e História Cultura e Curiosidade no Mundo

O VOO QUE SUSTENTA A VIDA

Abelhas: guardiãs da natureza e do futuro



Pequenas, incansáveis e essenciais. As abelhas são o elo invisível que une flores, frutos e florestas, tecendo, com o zumbido de suas asas, a harmonia que mantém o planeta vivo. No Brasil, a abelha mais comum e vista não é daqui: trata-se da europeia Apis mellifera, popularmente conhecida como abelha africanizada, resultado do cruzamento entre espécies europeias e africanas introduzidas no país.

Mas muito antes da chegada dessas visitantes estrangeiras, já existiam as verdadeiras filhas da terra: as abelhas nativas, ou abelhas sem ferrão, as melíponas. Presentes em diversos biomas brasileiros, elas formam uma constelação de mais de 300 espécies que habitam troncos ocos, abrigos na mata e o imaginário de quem vive próximo da natureza.

Dependentes da preservação ambiental, essas abelhas são tão frágeis quanto vitais. Uma colônia retirada de sua árvore pode morrer; uma floresta derrubada é o fim de milhares de vidas minúsculas, mas fundamentais. O

desmatamento, o uso de agrotóxicos e a perda de habitat ameaçam o equilíbrio que elas constroem. Por isso, cresce a importância da meliponicultura, a criação racional de abelhas sem ferrão, como uma forma de conservar espécies nativas e multiplicar a consciência sobre sua relevância ecológica.

Cada abelha é um pequeno milagre do trabalho coletivo. Uma única campeira visita 10 flores por minuto, realiza 40 voos diários e pousa em 40 mil flores. Para que um quilo de mel exista, são necessárias cerca de 5 milhões de flores. E, mesmo assim, cada operária produz apenas 5 gramas por ano, uma doçura que é resultado de pura persistência.

Dentro da colmeia, a vida pulsa em ritmo próprio: cerca de 50 mil abelhas convivem sob a liderança de uma rainha, que chega a pôr 3 mil ovos por dia. Quando duas rainhas nascem juntas, travam uma batalha até restar apenas uma, o destino implacável do reino do mel.

Enquanto as operárias vivem pouco mais de um mês, a rainha pode reinar por dois anos. E os zangões, após cumprirem sua missão de fecundar, são expulsos da colmeia e morrem do lado de fora. É a lei natural da colônia: cada ser tem seu papel no ciclo da vida.

Por trás desse universo minúsculo, revela-se uma grande lição, de solidariedade, ritmo e propósito. As abelhas não apenas produzem mel: elas polinizam cerca de 75% dos alimentos que chegam à nossa mesa. Sem elas, o colorido dos campos desapareceria, e com ele, parte essencial da vida na Terra.

NOTA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Cuidar das abelhas é cuidar de nós mesmos. Plantar flores, preservar árvores e evitar o uso de agrotóxicos são gestos simples, mas poderosos, que garantem a continuidade do voo dessas pequenas guardiãs da vida. Se um dia o zumbido das abelhas silenciaria, o silêncio que virá depois será o da própria Terra.

Referências de pesquisa

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – Meliponicultura: criação de abelhas sem ferrão no Brasil.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) – Abelhas nativas e polinização dos ecossistemas brasileiros.

Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) – Importância das abelhas para a biodiversidade e segurança alimentar.

Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Pesquisa sobre descoberta de novas espécies de abelhas sem ferrão no estado do Paraná, 2023.

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) – Relatório Mundial sobre Polinizadores e Segurança Alimentar.

Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE) – Estudos sobre a biologia e comportamento da Apis mellifera e espécies nativas brasileiras.

Fonte:curiosidades: <http://guiadoscuriosos.com.br>

A ORIGEM DO PROVÉRBIO “UM É POUCO, DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS”



O famoso provérbio brasileiro “um é pouco, dois é bom, três é demais” ganhou popularidade a partir da música “Casa de Caboclo”, lançada em 1928 pelos compositores Heckel Tavares e Luiz Peixoto. A canção narra um triângulo amoroso que termina em tragédia, duas cruces entrelaçadas

marcam o fim da história, e encerra com a frase que se tornaria um ditado nacional.

A expressão, no entanto, tem raízes antigas. Versões semelhantes aparecem em coletâneas de provérbios ingleses dos séculos XVI e XVII, e nos Estados Unidos, no século XIX, surgiu a forma “Two’s company, three’s a crowd” (“Dois é companhia, três é multidão”).

No Brasil, o ditado se consolidou definitivamente ao ser retomado em 1944 na “Canção do Expedicionário”, de Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi, hino da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial.

ANTES DO CORTADOR DE UNHAS: QUANDO O CUIDADO ERA UMA ARTE DE PACIÊNCIA



Muito antes de o som metálico do cortador ecoar pelos lares, o cuidado com as unhas era um gesto de engenho e paciência. Homens e mulheres moldavam-nas com pequenas facas, tesouras rústicas ou até pedras lascadas, num ritual quase artesanal, em que o tempo era o principal instrumento. Havia quem simplesmente deixasse as unhas se desgastar com o uso diário, e quem, por nervosismo ou tédio, as consumisse com os dentes, num hábito tão antigo quanto à própria ansiedade humana.

Entre os antigos romanos, porém, o trato com as unhas alcançou o estatuto de refinamento. Vaidosos e atentos à estética, eles utilizavam lâminas finas, como o cultellus tonsorius, e foram os primeiros a criar tesouras pivotantes, por volta do ano 100 d.C., engenhosas ferramentas usadas para cortar cabelo, tosar lã e aparar unhas. Cuidar das mãos era, então, um sinal de civilização, uma pequena demonstração do poder do humano sobre o detalhe.

O gesto simples de aparar as unhas, hoje tão banal, carrega a herança de séculos de engenhosidade. Ele nasceu do fio das lâminas e evoluiu, aos poucos, até o clique preciso e metálico do cortador moderno, esse pequeno artefato que reúne em si história, técnica e vaidade.

O primeiro cortador de unhas com patente registrada surgiu apenas em 23 de março de 1875, criado por Valentine Fogarty, nos Estados Unidos. Seu modelo, rudimentar, lembrava mais uma lixa circular do que o instrumento que conhecemos hoje. Décadas depois, em 1947, William Basset aprimorou o design, adicionando a alavanca e a base de apoio para o dedão, o formato clássico que se tornaria popular com a marca “Trim”, símbolo de praticidade e cuidado pessoal.

Da lâmina ao aço polido, das pedras às alavancas, o ato de cortar as unhas revela mais que vaidade: fala da engenhosidade humana e de seu desejo de aperfeiçoar o cotidiano. O que antes era arte e paciência, hoje é um clique, mas, por trás desse som breve, ainda ecoa a longa história das mãos que aprenderam a cuidar de si.

Há gestos que, de tão automáticos, esquecemos que nasceram de séculos de invenção e desejo de beleza. Cortar as unhas é um deles. Nesse ato simples repousa a memória da paciência humana, o tempo que



molda, afia e transforma. Entre o corte e o silêncio, há sempre um rastro de civilização.

Referências de pesquisa

United States Patent and Trademark Office (USPTO) – Registro da patente nº US15972A, de Valentine Fogarty, “Improvement in Nail-Cleaners or Cutters”, data de 23 de março de 1875.

Roman Tools and Daily Life, The British Museum Collection – catálogo de instrumentos romanos de higiene pessoal, incluindo o cultellus tonsorius.

Museu de História da Ciência de Oxford – Arquivo de utensílios domésticos e instrumentos de higiene da Antiguidade.

Trim® Brand History, American Safety Razor Company – Relato histórico sobre a popularização do cortador de unhas moderno após 1947.

QUANDO O AZEITE VIROU SAUDADE: A GUERRA QUE DEU ORIGEM AO ÓLEO MARIA

A escassez europeia e a invenção brasileira que mudou o sabor das cozinhas

No início da década de 1940, o mundo vivia o caos da Segunda Guerra Mundial. O conflito não apenas alterou fronteiras e destinos humanos, também mexeu com panelas, sabores e tradições. No Brasil, um efeito curioso da guerra foi à escassez do



Foto da internet, provavelmente anos 70/80 - a Indústria JB Duarte, era localizada ao centro de três bairros, Vila Prudente, Mooca e Ipiranga

azeite de oliva, cuja importação da Europa tornou-se quase impossível.

Foi nesse contexto que nasceu, em 1942, o Óleo Maria, um produto nacional criado para preencher a ausência do azeite estrangeiro. Produzido pela empresa paulista J.B. Duarte, o novo óleo trazia uma fórmula engenhosa: 85% de óleo de caroço de algodão e 15% de azeite de oliva. Era uma alternativa viável, saborosa e, acima de tudo, brasileira.

O nome “Maria” não foi escolha ao acaso. Evocava o espírito português, sinônimo de tradição, mesa farta e bom azei-

te. Era uma homenagem simbólica a essa herança mediterrânea que a guerra havia interrompido.

Fundada em 1914, a Companhia José Baptista Duarte começou fabricando produtos químicos para a indústria têxtil. Pouco depois, diversificou sua produção para o setor veterinário e agrícola. Em 1939, lançou o Óleo Vida, feito de amendoim, e, três anos depois, apresentou ao país a nova criação que conquistaria os lares brasileiros: o Óleo Maria.

O sucesso foi imediato. Em 1946, já eram vendidas 1,5 milhão de latas. Três anos mais tarde, em 1949, um bordão entrava para a história da publicidade nacional: “Maria, sai da lata!”

O slogan ecoava nas rádios e nas cozinhas, transformando um simples produto em símbolo de tempo de reconstrução, quando o país, longe da guerra, aprendia a reinventar seus próprios sabores.

Mas a trajetória da marca também conheceria dias difíceis. Em 1997, com a falência da J.B. Duarte, o futuro da Maria parecia condenado ao esquecimento. A marca, no entanto, foi salva pelo empresário Adolfo Timm, que assumiu as marcas e o maquinário da antiga fábrica. Em 2018, o nome Maria foi incorporado pela Cargill, que lhe deu novo fôlego e aparência, e, curiosamente, nova fórmula: agora, o óleo é composto por 85% de soja e 15% de oliva.

Assim, o Óleo Maria sobreviveu ao tem-

po, às crises e à guerra, mantendo viva uma herança que começou com a falta e floresceu com a criatividade. Um gesto simples, o de cozinhar, ainda carrega nas suas gotas douradas a história de um país que soube transformar escassez em sabor e invenção em tradição.

Às vezes, a guerra cria feridas; outras vezes, desperta engenhos. O Óleo Maria nasceu da falta, mas se tornou presença, um símbolo da habilidade brasileira de transformar carência em criação, e necessidade em sabor. Entre o fogo e o azeite, entre a ausência e a invenção, há sempre um traço de humanidade.

Referências de pesquisa

Companhia J.B. Duarte – Arquivo histórico e publicações institucionais, São Paulo, 1939–1990.

Portal Memória da Indústria – História da J.B. Duarte e do Óleo Maria.

Cargill Brasil – Histórico da marca Óleo Maria, comunicado institucional, 2018.

Revista Exame (edição digital, 2019) – “Cargill aposta na tradição e relança o Óleo Maria”.

Jornal O Estado de S. Paulo (Arquivo, 1949) – anúncio publicitário “Maria, sai da lata!”.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Relatórios econômicos da década de 1940: importações e produtos alimentícios durante a guerra.

Tiro de Guerra 04-044 celebra dois anos de história em Paracatu

Solenidade marca entrega da Medalha Mérito do Tiro de Guerra e Diplomas de Amigos do TG



Na noite de 4 de outubro, Paracatu testemunhou um momento que já se inscreve na memória cívica da cidade: a celebração do segundo aniversário do Tiro de Guerra 04-044. Criado em 2023, o TG é mais que uma instituição, é símbolo de cidadania, civismo e amor à Pátria em todo o Noroeste de Minas.

A cerimônia contou com a presença do subtenente Clenilson José Cardoso, chefe de instrução do TG 04-044, e do superintendente de Segurança Pública, Wiliam Amorim, representando o prefeito Igor Santos, além de autoridades civis e militares que abrilhantaram a noite.

Medalha Mérito do Tiro de Guerra

No ponto alto da solenidade, foi realizada a entrega da Medalha Mérito do Tiro de Guerra, honraria instituída em 2007 para celebrar os 105 anos do primeiro TG do Brasil, fundado em Rio Grande (RS). Reconhecida oficialmente pelo Exército sob o código “C 84”, a condecoração distingue civis e militares que, com ética, dedicação e compromisso, fortalecem os valores nacionais e inspiram o sentimento de pertencimento à Pátria.

Diploma de Amigos do Tiro de Guerra

Outro momento de destaque foi à entre-

ga do Diploma de Amigos do TG 04-044, destinado àqueles que caminham lado a lado com a instituição. A condecoração reuniu em posição de honra autoridades como o secretário de Esportes Thiago Batiamo, o secretário de Educação Tiago de Deus, o secretário de Saúde Umarques Couto, os vereadores Wesley Ribeiro e Nicolas Sheldon, além de comandantes das forças de segurança, representantes da sociedade civil e lideranças locais.

Um marco para Paracatu

O evento não foi apenas uma solenidade militar, mas também um ato de afirmação da identidade coletiva. Como lembrou um dos homenageados: “O Tiro de Guerra é escola de vida. Ensina disciplina, coragem e amor ao Brasil. Ensina que servir não é fardo, mas honra.”

Assim, no compasso das bandeiras que tremularam sob o vento da noite paracatuense, celebrou-se mais do que dois anos de existência: celebrou-se a permanência de um ideal. Porque, como dizia Rui Barbosa, “a Pátria não é ninguém: são todos. E cada qual tem no seio dela o mesmo direito à sua parte de responsabilidade e de ação”.

União pela segurança: CENTRALSEG propõe parceria mais forte com a Câmara Municipal de Paracatu

Conselho destaca que o enfrentamento à criminalidade depende da integração entre Poder Público, forças de segurança e comunidade



Na tarde do dia 13/10, representantes do Conselho Central de política de Segurança Pública (CENTRALSEG) ocuparam a tribuna da Câmara Municipal para apresentar o histórico de atuação da entidade e propor caminhos conjuntos para o fortalecimento das políticas de segurança no município. O encontro marcou um momento de reflexão sobre o papel de cada poder e da sociedade na construção de uma cidade mais segura e integrada. Fundado em 17 de novembro de 2016, em um contexto de preocupação com o avanço da criminalidade, o CENTRALSEG nasceu do diálogo entre Sociedade Civil, o Ministério Público, o Poder Executivo, o Legislativo e as Forças de Segurança, com o propósito de unir esforços em torno de soluções efetivas para os desafios da área. Desde então, o Conselho se consolidou como um espaço democrático e multissetorial, que atua na escuta da comunidade, na articulação de parcerias e na formulação de propostas concretas.

“Viemos a esta Casa não apenas para prestar contas do que temos feito, mas principalmente para convidar os senhores e senhoras vereadores a fortalecerem este Conselho e, por consequência, a segurança de nossa cidade”, afirmou Diretor Presidente: Régis Machado Couto

Entre as principais formas de colaboração propostas ao Legislativo, o CENTRALSEG destacou duas frentes essenciais:

Destinação de recursos, por meio das

emendas impositivas e do orçamento municipal, garantindo investimentos em tecnologia, equipamentos e capacitação das corporações;

Elaboração de projetos de lei, capazes de modernizar a legislação local e instituir programas de prevenção à violência e incentivo à cultura da paz.

O Conselho também reforçou a importância de que os vereadores se aproximem da realidade das forças de segurança, Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Polícia Ambiental, GAECO, PRF, PRE e Tiro de Guerra, para conhecer de perto suas demandas estruturais e operacionais. “Esse contato direto é o alicerce para que as emendas e os projetos de lei tenham impacto real e efetivo na vida das pessoas”, pontuou Régis.

O evento contou ainda com pronunciamentos de representantes da Polícia Militar e da Polícia Civil, que destacaram ações recentes desenvolvidas nos bairros e em comunidades quilombolas, reforçando o compromisso com o trabalho de proximidade e prevenção.

Ao final, a mensagem que ecoou no plenário foi de cooperação e corresponsabilidade. O CENTRALSEG reafirmou que suas portas estão abertas para o diálogo e convidou o Legislativo a participar ativamente das estratégias que visam garantir mais segurança e qualidade de vida à população.

“A segurança é responsabilidade de todos. O nosso sucesso depende da união de esforços entre o Conselho, o Executivo e, principalmente, o Poder Legislativo”, concluiu Régis.

O avanço das duas rodas motorizadas exige mais fiscalização e consciência no trânsito

Com o crescimento das motos, motinhas e bicicletas motorizadas, autoridades precisam agir com urgência para ampliar a infraestrutura, intensificar campanhas educativas e combater a falta de habilitação



O aumento expressivo das vendas de motos, motinhas e bicicletas motorizadas nas cidades brasileiras acendeu um alerta entre especialistas em segurança viária. Impulsionado pelo baixo custo, pela praticidade e pela popularização do trabalho por aplicativos, o fenômeno exige medidas urgentes de fiscalização e educação para conter a imprudência e reduzir o número de acidentes.

Estudos recentes apontam que mais da metade dos proprietários de motocicletas no Brasil não possui Carteira Nacional de Habilitação (CNH). No caso das bicicletas motorizadas, a situação é ainda mais preocupante, já que muitos condutores desconhecem as regras específicas para esse tipo de veículo, como o uso obrigatório de capacete e a proibição de circular em calçadas ou ciclovias tradicionais.

As regras para bicicletas motorizadas variam conforme a potência e a velocidade do veículo. Os modelos mais simples, com motor a pedal e velocidade limitada a até 32 km/h, são classificados como bicicletas elétricas — não exigem habilitação, mas devem ter espelhos, campainha, sinalização noturna e o condutor deve usar capacete. Já os veículos com potência acima de 250W ou que ultrapassam 32 km/h são considerados ciclomotores. Nesses casos, é obrigatória a Autorização para Conduzir Ciclomotores (ACC) ou CNH categoria A, além do registro, emplacamento e licenciamento no Detran. Ciclomotores não podem circular em ciclovias nem em calçadas, devendo seguir as mesmas normas das motocicletas.

Como fiscalizar a irresponsabilidade

Mais policiamento e blitz — A ampliação das blitz e o aumento da presença policial ajudam a coibir infrações recorrentes, como dirigir sem capacete, avançar o sinal vermelho ou pilotar sem habilitação. Fiscalização de equipamentos — É essencial garantir o uso correto de equipamentos de segurança, como capacetes com viseira, luvas e jaquetas apropriadas. A ausência desses itens aumenta significativamente o risco de ferimentos graves em caso de queda ou colisão.

Punição da falta de CNH — O cumprimento da exigência de habilitação precisa ser reforçado. Segundo dados da Senatran, mais de 50% dos condutores de motos não têm CNH, o que evidencia também um problema social: a dificuldade de acesso aos processos de formação e legalização. Uso de tecnologia — A instalação de radares e o uso de câmeras de monitoramento são estratégias eficazes para coibir o excesso de velocidade. O controle contínuo tem se mostrado mais eficiente do que radares espaçados.

Paracatu e as duas rodas

Em Paracatu, o crescimento das motinhas e bicicletas motorizadas também tem mudado a rotina no trânsito. O aumento do número de veículos de duas rodas vem

acompanhado de comportamentos de risco: condutores que desrespeitam a sinalização, jovens circulando sem capacete e manobras perigosas em vias públicas.

É urgente que as autoridades locais promovam campanhas educativas e de conscientização, para melhorar o convívio entre veículos, pedestres e ciclistas.

Em Minas Gerais, são registradas, em média, cerca de 700 infrações de trânsito por mês relacionadas ao não uso de capacete por motociclistas. Até agora, mais de 5,5 mil autuações já foram contabilizadas no estado. O número representa um aumento de 15% em relação ao ano passado, conforme dados da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (Seplag).

Como incentivar o comportamento seguro

Campanhas de conscientização — Ações educativas devem destacar a importância das regras de trânsito, do uso de equipamentos de segurança e da condução defensiva, com foco especial em jovens e entregadores.

Infraestrutura adequada — A criação e ampliação das chamadas faixas azuis, exclusivas para motos, ajudam a organizar o tráfego e reduzir colisões. Já para bicicletas motorizadas, é necessário definir espaços seguros, pois esses veículos trafegam em uma “zona cinzenta” entre bikes e motos.

Incentivo à habilitação — Políticas públicas que facilitem o acesso à CNH, como programas sociais de formação, podem reduzir a informalidade e ampliar a segurança no trânsito.

Conscientização dos demais condutores — Campanhas também devem alcançar motoristas de carros e caminhões, reforçando a importância de manter a distância mínima, evitar fechadas bruscas e ter atenção redobrada aos pontos cegos.

Convivência e cuidado

A pressa e a imprudência não compensam. Quem conduz sobre duas rodas deve lembrar que o trânsito é um espaço de convivência e cuidado mútuo. O capacete, a habilitação e o respeito às leis não são burocracias — são garantias de vida e de que todos possam chegar em segurança ao seu destino.

Referências

Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran) — Dados sobre habilitação e condutores de motocicletas. Conselho Nacional de Trânsito (Contran) — Resoluções nº 315/2009, nº 465/2013 e nº 996/2023 sobre ciclomotores e bicicletas elétricas. Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) — Normas de registro e licenciamento de ciclomotores. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão de Minas Gerais (Seplag) — Estatísticas de infrações de trânsito em 2025. Código de Trânsito Brasileiro (CTB) — Lei nº 9.503/1997.

REQUERIMENTO DE LICENÇA

O Empreendedor ELIESIO CARLOS RODRIGUES, nos termos do art. 30 da Deliberação Normativa Copam nº 217, de 2017, torna público que solicitou à Unidade Regional de Regularização Ambiental Noroeste de Minas — URA NOR, Licenciamento Ambiental Convencional — LAC1, em caráter de operação corretiva, para o empreendimento Fazenda Capão, para as atividades de Horticultura (floricultura, olericultura, fruticultura anual, viveiricultura e cultura de ervas medicinais e aromáticas); Culturas anuais, semiperenes e perenes e cultivos agrossilvipastoris, exceto horticultura; Criação de bovinos, bubalinos, equinos, muars, ovinos e caprinos, em regime extensivo; e, Canais de irrigação, Códigos: G-01-01-5; G-01-03-1; G-02-07-0; e, G-05-04-3, no município de Buritizeiro, Estado de Minas Gerais, Classe 3, conforme solicitação no Sistema de Licenciamento Ambiental nº 2025.09.04.003.0005318.

O requerente informa que o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima), encontram-se à disposição dos interessados na forma digital pelo link https://drive.google.com/drive/folders/17cGV826bbi0KwvMTUL5lmXVnrUoi6l9I?usp=drive_link. Maiores informações acerca do requerimento para realização de Audiência Pública podem ser obtidas no site <http://sistemas.meioambiente.mg.gov.br/licenciamento/site/consulta-audiencia>.

Incêndio destrói patrimônio histórico na Fazenda Casa Branca entre Paracatu e Cristalina

Entre Paracatu e Cristalina, o fogo consumiu mais que paredes e telhas, levou parte viva da história cultural e política do país



Na tarde de sábado do dia 4 de outubro, o céu entre Paracatu (MG) e Cristalina (GO) tingiu-se de fumaça e saudade. Um incêndio de grandes proporções atingiu a histórica Fazenda Casa Branca, antiga Espanta Porco, e transformou em cinzas um dos mais valiosos patrimônios culturais da região.

Testemunhas relataram que o fogo teria começado após uma falha em um cabo de energia elétrica, um curto que acendeu, ironicamente, a chama da perda. Em minutos, o vento espalhou as labaredas que devoraram parte da casa grande, outrora morada de memórias, debates e sonhos.

Vídeos circularam nas redes sociais, mostrando as chamas dançando sobre a estrutura antiga, como se o passado, impotente, ardesse em despedida.

A Casa Branca não era apenas uma construção rural. Era um marco da história literária e política brasileira, um ponto de encontro entre tempos e pensamentos. Sob a propriedade de Vasco Botelho, abrigou nomes que moldaram o país: Juscelino Kubitschek, que ali repousava nas viagens pela estrada que mais tarde seria a BR-040; Jorge Amado, que encontrou entre suas paredes o silêncio fértil para escrever parte de Gabriela, obra que nasceu na própria Fazenda Casa Branca, ao lado de Zélia Gattai.

Foi palco de conversas, ideias e afetos, um farol de cultura em meio ao cerrado.

Entre 2007 e 2010, o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) conduziu ali um inventário cultural e um programa educativo patrimonial, reconhecendo sua relevância histórica e arquitetônica. Mas, nos últimos anos, a Casa Branca já dava sinais de cansaço: paredes rachadas, infiltrações, materiais corroídos, ausência de manuten-

ção, um grito silencioso por cuidado.

O fogo, agora, apenas revelou o que o tempo vinha anunciando: o abandono que precede a tragédia.

Se o curto elétrico for confirmado como causa, será também o símbolo de um país que, muitas vezes, deixa suas memórias à mercê do acaso.

Agora, entre os escombros fumegantes da Casa Branca, o silêncio parece carregar vozes antigas, risos, conversas, canções que o tempo não apagará. As paredes que viram nascer ideias, sonhos e livros hoje repousam sob o pó, mas sua memória permanece viva, acesa no coração de quem compreende o valor da história. Que das cinzas brote um novo olhar para o passado, não como ruína, mas como raiz, porque a cultura, mesmo ferida, renasce. E a Casa Branca, ainda que queimada, continua a iluminar o caminho de quem acredita que preservar é também uma forma de amar.

Referências

Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). “Casa Branca e Jamboreu — Uma História de Amor.” Disponível em: <https://www.facebook.com/211803835637214/posts/casa-branca-e-jamboreu-uma-hist%C3%B3ria-de-amor-conhe%C3%A7a-um-pouco-da-hist%C3%B3ria-da-fazenda/478205405663721/>
Memória de Família. “História de Vasco Adjuto Botelho.” Disponível em: <https://www.memoriadefamilia.com.br/index.php?app=pessoa&idp=2103>
Juscelino Kubitschek. “Biografia.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Juscelino_Kubitschek
Instagram. “TRISTE - Na tarde deste sábado (4), um incêndio de grandes proporções atingiu a histórica Fazenda Casa Branca.” Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DPaMbOhDNK4/>
<https://www.instagram.com/cristalinaraiz/>

17 A 20 DE OUTUBRO

Paracatu

227 Anos

19/10

DANILO
E DAVI

19/10

zezé
DI CAMARGO

17/10

ANJOS
DE RESGATE

18/10

MARCHA
JESUS MARIA
MARÇAL

17/10

ROSA DE SARON

DIA 20 DESFILE CÍVICO MILITAR
EM COMEMORAÇÃO AOS 227 ANOS
DE PARACATU, ÀS 8H



PREFEITURA
PARACATU
O TRABALHO É A NOSSA FORÇA



SECRETARIA DE
TURISMO

Atenção cooperado(a)

O Sicoob Credicopa tem uma

**OFERTA
ESPECIAL**

para você!

Se você possui a maquininha Sipag e domicílio bancário na Credicopa você já tem direito a adquirir crédito* de

30 MIL REAIS

12x

Taxa Selic
+ 0,5% a.m.



OBS.: CRÉDITO SUJEITO À ANÁLISE FINANCEIRA

Procure uma agência
do Sicoob Credicopa
e saiba mais informações!



SICOOB CREDICOPA

Cooperativa de Crédito